



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

ESTUDOS DA MATERIALIDADE DO LIVRO:
uma análise da arqueologia do livro e disciplinas análogas

Mariana Tolentino Marques de Souza



FACULDADE DE **CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Orientador: Profa. Dra. Greyciane Souza Lins

Brasília

2023

Mariana Tolentino Marques de Souza

ESTUDOS DA MATERIALIDADE DO LIVRO:
uma análise da arqueologia do livro e disciplinas análogas

Monografia apresentada à
Faculdade de Ciência da Informação
da Universidade de Brasília, como
parte dos requisitos para obtenção
do grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientador: Profa. Dra. Greyciane Souza Lins

Brasília

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S729e Souza, Mariana Tolentino Marques de
Estudos da materialidade do livro: uma análise da
arqueologia do livro e disciplinas análogas / Mariana
Tolentino Marques de Souza; orientador Greyciane Souza Lins.
-- Brasília, 2023.
59 p.

Monografia (Graduação - Biblioteconomia) -- Universidade
de Brasília, 2023.

1. Arqueologia do Livro. 2. Materialidade do livro. 3.
Bibliologia. 4. Bibliografia. 5. História do Livro. I. Souza
Lins, Greyciane, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Estudos da materialidade do livro: uma análise da arqueologia do livro e disciplinas análogas.

Autor(a): Mariana Tolentino Marques de Souza

Monografia apresentada em **01 de dezembro de 2023** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Greyciane Souza Lins
Membro Interno (FCI/UnB): Dr. Ailton Luiz Goncalves Feitosa
Membro Externo (BCE): Dr. Raphael Diego Greenhalgh

Em 20/10/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ailton Luiz Gonçalves Feitosa, Usuário Externo**, em 15/12/2023, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Greyciane Souza Lins, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 18/12/2023, às 06:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Raphael Diego Greenhalgh, Bibliotecário(a) Documentalista da Biblioteca Central**, em 18/12/2023, às 07:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10696275** e o código CRC **046726A6**.

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa ao meu pai, cujo constante estímulo guiou-me no caminho do aprendizado, sobretudo na jornada da leitura, e à minha mãe, cujo apoio constante sempre sustentou meus sonhos. Expresso minha gratidão ao Breno, meu namorado, que me deu imenso suporte emocional nessa trajetória, e ao meu estimado amigo Alex, cuja opinião foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao corpo docente da Faculdade de Ciência da Informação pelos excelentes anos de aprendizado, e à minha orientadora Prof. Dr. Greyci Lins, que compartilha do mesmo entusiasmo pelo tema de minha pesquisa.

“Só temos certezas enquanto sabemos pouco; com o conhecimento as dúvidas aumentam.”

Johann Wolfgang von Goethe

RESUMO

Neste estudo, explora-se os estudos da materialidade do livro, e as disciplinas associadas dedicadas à pesquisa dos livros enquanto artefatos físicos e culturais. A pesquisa também investiga a importância dessas disciplinas que tratam de materiais bibliográficos, enfatizando a contribuição singular do livro para a compreensão da história e identidade cultural. A justificativa destaca a carência de estudos na Biblioteconomia sobre a materialidade e história dos livros, promovendo a integração de técnicas de pesquisa de disciplinas correlatas, em especial a Arqueologia do Livro. A análise abrange a história, evolução, produção, materialidade e contexto social dos livros ao longo do tempo. A pesquisa visa abordar questões cruciais sobre métodos para investigar a materialidade, reconhecendo a interdisciplinaridade presente nas análises. O estudo também explora o uso de novas tecnologias na pesquisa. Conclui-se enfatizando a relevância cultural e histórica dos manuscritos e a necessidade contínua de estratégias eficazes de conservação. Esta abordagem visa proporcionar uma compreensão mais abrangente do papel desses estudos para a Biblioteconomia.

Palavras-chave: Arqueologia do Livro; Materialidade do livro; Bibliologia; Bibliografia; ; História do Livro.

ABSTRACT

In this study, studies of the materiality of the book are explored, and the associated disciplines dedicated to researching books as physical and cultural artifacts. The research also investigates the importance of these disciplines that deal with bibliographic materials, emphasizing the book's unique contribution to the understanding of history and cultural identity. The justification highlights the lack of studies in Librarianship on the materiality and history of books, promoting the integration of research techniques from related disciplines. The analysis covers the history, evolution, production, materiality and social context of books over time. The research aims to address crucial questions about methods for investigating materiality, recognizing the interdisciplinarity present in the analyses. The study also explores the use of new technologies in research. It concludes by emphasizing the cultural and historical relevance of the manuscripts and the ongoing need for effective conservation strategies. This approach aims to provide a more comprehensive understanding of the role of these studies for Librarianship.

Keywords: Book Archeology; Materiality; Handwritten and printed books; History of the Book.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A migração da tecnologia de fabricação do papel	22
Figura 2 - Scriptorium	23
Figura 3 - Relação entre a bibliologia e a bibliografia	28
Figura 4 - Códice Zouche-Nuttall (aprox. século XIV)	33
Figura 5 - Interior da Biblioteca de Alexandria	34
Figura 6 - Tabuinhas de madeira e cera, Egito bizantino, 500-700 d.C.	34
Figura 7 - Filigrana, vergaturas e pontusais	36
Figura 8 - Escrita capital visigoda do século VI	40
Figura 9 - Alfabeto de letras minúsculas (Séculos XV, XVI e XVII)	41
Figura 10 - Incêndio no porto de Alexandria	43
Figura 11 - Esquema da totalidade do manuscrito	47
Figura 12 - Yan Jingshu restaurando um livro antigo	50
Figura 13 - Livro das aves [13--?]	54
Figura 14 - Texto original da “Constituição da Mandioca” de 1823	55
Figura 15 - Texto “escondido” em folhas de manuscrito do século XV	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
AIB	Associação Internacional de Bibliologia
d.C.	Depois de Cristo
eng.	Inglês (idioma)
es.	Espanhol (idioma)
etc.	et cetera (por. e outras coisas)
fr.	Francês (idioma)
por.	Português (idioma)
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Definição do problema.....	16
1.2 Objetivos.....	16
1.2.1 Objetivo geral.....	16
1.2.2 Objetivos específicos.....	16
1.3 Justificativa.....	16
2 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	18
2.1 Seleção de bibliografia.....	18
2.2 Fontes primárias e secundárias.....	19
3 ESTUDO DO LIVRO.....	20
3.1 Períodos de produção.....	21
4 DISCIPLINAS DE ESTUDO DO LIVRO.....	24
4.1 Bibliologia.....	25
4.2 Bibliografia Material.....	27
4.3 Filologia.....	29
4.4 Codicologia.....	32
4.5 Paleografia.....	39
5 ARQUEOLOGIA DO LIVRO.....	41
5.1 Arqueologia do livro X arqueologia.....	42
5.2 Linha do tempo.....	44
5.1.1 Década de 1970.....	44
5.1.2 Período de 1980 a 1990.....	45
5.1.3 Período de 1990 a 2000.....	45
5.1.4 Século XXI.....	46
5.3 O objeto de estudo.....	46
5.4 Fundo/corpo de estudo.....	47
5.3 Intrusividade dos estudos.....	49
5.3 Abordagem arqueológica do livro.....	51
5.3.1 Pergaminho, papel.....	53
5.3.1 Tintas e pigmentos.....	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a Biblioteconomia tem passado por uma transformação significativa, impulsionada pela era digital e mudanças da prática informacional dos usuários. Nesse contexto de mudança, as práticas contemporâneas de gerenciamento de informações, como a administração de bancos de dados, têm sido protagonistas, estimulando a discussão sobre a importância do material impresso e manuscrito, como livros e documentos antigos. Em uma era dominada pela tecnologia, é fundamental compreender que o valor do material físico não deve ser subestimado.

Compreender a materialidade dos livros antigos e documentos não é apenas uma questão de preservação do patrimônio cultural e bibliográfico, mas também uma oportunidade de adquirir profundos conhecimentos sobre a história, a autenticidade e a autoria de obras que moldaram nossa sociedade por meio de suas características únicas. O estudo da materialidade desses tesouros culturais e históricos é fundamental para compreender nossa herança e preservar nossa identidade cultural.

Citando Brossin (2015):

"Como toda obra realizada pelo homem, o livro é um objeto destinado a ser manipulado e que faz parte de um processo composto por diversas produções. Além das manipulações que contribuem para a fabricação do papel, deve-se levar em consideração o registro deste e a leitura" (p. 3, tradução nossa).

Cada passo ao longo da trajetória de um livro deixa uma impressão material, e cada uma dessas impressões representa um elo único em sua própria narrativa. Não apenas os materiais utilizados em sua confecção e escolhas editoriais fornecem pistas sobre seus propósitos, público-alvo e local de origem, mas também as marcas que se acumulam com o tempo, como carimbos de bibliotecas, ex-líbris, anotações nas páginas, têm o potencial de elevar a obra a um patamar de grande importância e singularidade.

Desse mesmo modo Ackel e Madeira (2021, p. 4) ressaltam:

É certo que contam a sua história, mas quando documentos textuais são estudados apenas por seus escritos, outra grande riqueza de conhecimento, sua história, deixa de ser revelada. Com isso, limita-se o acesso ao documento, deixando-se de considerá-lo sob outras perspectivas acerca do seu dimensionamento, não só linguístico, como também político e cultural.

Durante o curso desta pesquisa, ficou evidente que diversas disciplinas acadêmicas têm um interesse específico em distintos aspectos, dedicando esforços para a análise da história desses, com o objetivo de aprimorar a precisão das

informações. Isso evidencia a interdisciplinaridade e a abordagem minuciosa adotada por estudiosos de diversas áreas, que buscam enriquecer a compreensão da história do livro. Nesse contexto, cada especialidade contribui com sua técnica, colaborando para uma análise simultaneamente abrangente e detalhada.

1.1 Definição do problema

Esta pesquisa tem como propósito principal abordar essa discrepância, procurando responder a duas questões fundamentais: qual é a importância do estudo da materialidade de livros e documentos antigos e quais métodos específicos podem ser empregados para conduzir esse estudo? A análise aprofundada dessas questões permitirá uma compreensão mais completa da contribuição vital que o material impresso e manuscrito oferece à Biblioteconomia, ao mesmo tempo em que demonstra a aplicabilidade na preservação e interpretação de nosso patrimônio bibliográfico..

1.2 Objetivos

O presente estudo possui como objetivos:

1.2.1 Objetivo geral

Compreender a história e as práticas de estudo sobre materialidade do livro.

1.2.2 Objetivos específicos

1. Identificar aspectos teóricos do estudo do livro na literatura;
2. Identificar as técnicas aplicadas nos estudos da arqueologia do livro;
3. Discutir a importância do estudo do livro para a preservação e acesso do conhecimento;

1.3 Justificativa

Durante o período de conclusão do curso de graduação em Biblioteconomia, tornou-se evidente a relevância de aprofundar-se na compreensão da materialidade dos livros. Essa busca não se limita apenas a um enriquecimento pessoal, mas também visa inspirar futuros pesquisadores na Faculdade de Ciência da Informação e sensibilizar os usuários das bibliotecas para explorarem a materialidade dos livros, indo além do simples conteúdo textual que eles contêm (Varry, 2014, p. 115).

A análise da materialidade emergiu como um tema proeminente em várias disciplinas, principalmente nas instituições acadêmicas da Europa e dos Estados Unidos, com notável destaque para as abordagens das escolas francesas e italianas. No entanto, notamos uma carência de estudos voltados à materialidade e história dos livros no campo da Biblioteconomia (Varry, 2014, p. 115, tradução nossa). Isso abre oportunidades significativas para a integração das técnicas de pesquisa sobre a materialidade dos livros, oriundas de áreas correlatas.

Varry (2014, p. 114-115) destaca que as novas tecnologias e ferramentas informáticas oferecem novas perspectivas de investigação, permitindo que pesquisadores observem particularidades e elementos que frequentemente passavam despercebidos em investigações materiais. Essa ampliação das possibilidades de pesquisa contribui para uma compreensão mais profunda do universo de uma obra.

As novas tecnologias também permitem “comparar com mais facilidade cópias de uma mesma obra guardadas em bibliotecas espalhadas pelo mundo” (Varry, 2014, p. 115, tradução nossa), fornecendo um contexto e base de comparação para análises mais específicas das obras. O estudo do contexto de produção de uma obra influencia diversos aspectos da compreensão do material.

Compreender o contexto histórico, cultural e social no qual uma obra foi produzida desempenha um papel essencial na análise crítica de um livro. Essa compreensão ajuda a interpretar o conteúdo de maneira precisa, evitando anacronismos e fornecendo esclarecimentos valiosos sobre a sociedade e as ideias da época.

Conhecer o contexto de diferentes culturas e períodos promove o respeito pela diversidade cultural e evita julgamentos precipitados ao avaliar obras literárias de origens diversas. Além disso, a literatura frequentemente reflete e documenta a história de uma sociedade, tornando o entendimento do contexto uma ferramenta valiosa.

Em algumas situações, as funções originais de uma obra podem se deteriorar ao longo do tempo. Portanto, o objetivo da pesquisa é compreender a obra em sua complexidade original. Petrucci argumenta que essa compreensão pode ser conjecturada a partir da forma de produção, utilização e destino do documento. É necessário analisar como o documento foi criado e manuseado para entender suas múltiplas funções (Petrucci, apud Ackel e Madeira, 2021, p. 8)."

Ocasionalmente, as funções originais de uma obra podem se deteriorar ao longo do tempo. Portanto, o objetivo da pesquisa é compreender a obra em sua complexidade original. Petrucci argumenta que essa compreensão pode ser conjecturada a partir da forma de produção, utilização e destino do documento. É necessário analisar como o documento foi criado e manuseado para entender suas múltiplas funções (apud Ackel e Madeira, 2021, p. 8).

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

A abordagem adotada neste estudo é de caráter exploratório, que, conforme delineado por Moresi (2003, p. 9), tem o propósito de desvendar a complexidade do tema, tornando-o compreensível, justificar sua relevância e esclarecer os fatores que contribuem para a manifestação de um fenômeno específico. Essa abordagem é fundamental devido à natureza pouco explorada dos estudos da materialidade do livro, enquanto disciplina da Biblioteconomia, em especial a Arqueologia do Livro. A metodologia exploratória se desdobrou em uma revisão narrativa da literatura, cujo propósito é mapear e analisar o conhecimento relacionado a uma questão ampla por meio da análise crítica da literatura existente.

Como observado por Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 65) a pesquisa científica tem início com a pesquisa bibliográfica, que engloba a busca por obras previamente publicadas que sejam pertinentes ao tema de pesquisa. Essa etapa tem como objetivo adquirir conhecimento sólido e analisar a problemática central da pesquisa que será realizada.

2.1 Seleção de bibliografia

A fase inicial da pesquisa é fundamental, pois fornece uma base sólida para investigação posterior, por isso foi realizada uma análise abrangente de uma variedade de fontes, incluindo livros, artigos acadêmicos e recursos online. Isso envolveu uma revisão abrangente da literatura existente, que permitiu uma compreensão inicial do tópico, ajudando a justificar a necessidade da pesquisa e a estabelecer as bases para investigações mais aprofundadas.

A seleção do material para a pesquisa envolveu o uso de palavras-chave específicas, tais como: arqueologia do livro (fr. archéologie du livre; eng. books archeology; es. arqueología del libro) , "codicologia" (fr. codicologie; eng. codicology; es. codicología), "bibliologia" (fr. bibliologie; eng. bibliography; es. bibliología),

"materialidade" (fr. matérialité; eng. materiality; es. materialidad), "filologia" (fr. philologie; eng. philology; es. filología), "paleografia" (fr. paléographie; eng. paleography; es. paleografía) e "bibliografia" (fr. bibliographie; eng. bibliography; es. bibliografía). A escolha das palavras-chave foi informada por uma leitura preliminar de obras relacionadas ao assunto, o que proporcionou uma maior compreensão do escopo do tema. Além disso, à medida que o entendimento do assunto se aprofundava, incorporavam-se gradualmente palavras-chave à pesquisa.

Operadores booleanos, como "AND," "OR," e "NOT," foram empregados para relacionar termos de busca e restringir os resultados. O uso de "AND" garantiu que os resultados incluíssem ambos os termos relacionados, enquanto o uso de "OR" trouxe resultados que continham qualquer um dos termos, sem depender da presença de ambos. O uso de "NOT" excluiu resultados que continham ambos os termos.

2.2 Fontes primárias e secundárias

No processo de investigação, recorremos a plataformas cruciais para a pesquisa, notadamente o Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da CAPES. A escolha dessas fontes foi pautada em sua reputação consolidada na disponibilização de materiais acadêmicos de elevada qualidade.

Ao explorar especificamente as publicações relacionadas à arqueologia do livro, observamos que estas estão predominantemente em francês. Nesse contexto, direcionamos nossa atenção principalmente ao Google Acadêmico devido à sua capacidade de integração com renomadas bases de dados, tais como JSTOR, Persée, Cairn.info, entre outras. Essa abordagem estratégica visou assegurar o acesso a uma gama diversificada de fontes confiáveis, enriquecendo assim a pesquisa com perspectivas abrangentes e fundamentadas.

Para fundamentar a pesquisa teórica, foram escolhidos artigos com datas de produção a partir dos anos 70, época que marca o início do desenvolvimento do campo da arqueologia do livro (fr. archéologie du livre). Essa delimitação temporal foi estabelecida após uma análise inicial da produção bibliográfica selecionada (Brossin, 2015, p. 1; García, 2002, p. 22), no entanto, também foram incluídos tópicos que remontam ao início do século XXI, com o intuito de conferir uma perspectiva contemporânea ao tópico de estudo.

Como a maior parte das publicações pertinentes à pesquisa estava predominantemente em francês, destacam-se obras cruciais de autores como Laure Brossin (2015), Andrea Giovannini (1990) e Christine Benevent (2021), todos eles especializados na arqueologia do livro. Superar essa barreira era essencial para a pesquisa, e para isso foi utilizado conhecimento prévio da língua francesa, além de periódicas consultas a dicionários e tradutores online.

3 ESTUDO DO LIVRO

Devido à diversidade de abordagens possíveis para o estudo do livro, tornou-se evidente a necessidade de realizar uma exploração minuciosa das ênfases e metodologias adotadas nas diversas perspectivas de pesquisa no âmbito do estudo do livro. Para alcançar uma compreensão abrangente, expandimos o escopo da revisão bibliográfica, visando mapear outras abordagens que sejam complementares e integradas. Isso não apenas possibilitou a compreensão do surgimento da arqueologia do livro, mas também as práticas associadas a essa disciplina.

As diversas abordagens no estudo do livro desempenham papéis complementares na compreensão e na preservação do conhecimento contido nas obras impressas e manuscritas. Desse modo, vale ressaltar que diferentes disciplinas acadêmicas adotam abordagens específicas ao examinar uma obra singular, e essa mesma obra tem o potencial de instigar o interesse de múltiplas disciplinas. Como observado por García (2002):

"Dependendo do ponto de vista adotado, descobriremos diferentes centros de interesse, cada um específico de uma disciplina ou técnica profissional. Os manuscritos, "enquanto livros", constituem um ramo da bibliografia e, pela sua escrita, são também patrimônio da paleografia." (2002, p. 22, tradução nossa)

A bibliologia e a bibliografia material concentram-se nos aspectos físicos dos livros, examinando sua composição, impressão e encadernação. Em contraste, a filologia, a paleografia e a codicologia exploram as dimensões textuais e históricas das obras, investigando suas origens, evolução textual e características manuscritas. Em conjunto, essas disciplinas contribuem para a arqueologia do livro, desvendando os segredos e a história das obras escritas ao longo dos séculos. Vale destacar que as áreas mencionadas adiante (Bibliologia, Bibliografia Material, Filologia, Paleografia e Codicologia) não devem ser vistas como estritamente

subdisciplinas, mas sim como áreas interconectadas ao estudo de livros e manuscritos antigos.

Algumas dessas disciplinas são frequentemente consideradas como ciências auxiliares, o que, conforme observado por García (2002, p. 17), se baseia em duas premissas: a primeira é a suposição de uma hierarquia entre as disciplinas científicas, e a segunda é a ideia de que certas disciplinas servem como acessórios à disciplina central, que é a História.

Contudo, em sintonia com as tendências contemporâneas, existe uma crescente demanda por igualdade de estatuto entre todas as disciplinas, sejam aquelas já estabelecidas ou as que possam surgir no futuro. Além disso, há um apelo para a promoção de abordagens de trabalho interdisciplinar, uma vez que se reconhece a complementaridade de cada faceta do conhecimento humano, como destacado por García (2002, p. 18).

Por outro lado, Barbosa (apud, Ackel e Madeira, 2021, p. 2), oferece uma perspectiva alternativa, ao sugerir que essas disciplinas “alternam-se entre si no papel de ciência auxiliar a depender dos objetivos, do quadro teórico, das questões e objetos de cada investigação”. Entretanto, essa alternância não exclui a possibilidade de construir identidade, independência, paridade e integração plena entre as várias disciplinas científicas, conforme destacado por García (2002, p. 19).

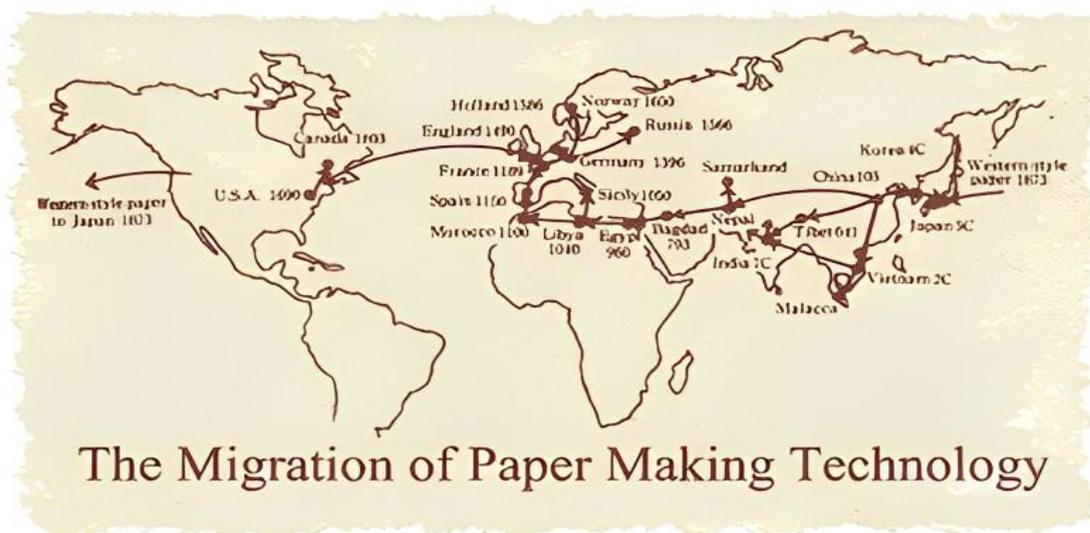
Varry (2014, p. 116) argumenta que cada exemplar é intrinsecamente único e insubstituível, e essas cópias podem conter variantes e particularidades de considerável relevância. As distintas particularidades presentes em cada exemplar são de grande interesse para diversas abordagens de estudo do livro e desempenham um papel vital na compreensão integral da obra como um todo. Alguns estudiosos consideram, também, que uma obra manuscrita não é uma entidade autónoma, e sim uma parte integrante de uma unidade superior (García, 2002, p. 366), o que ressalta a importância de contextualizar uma obra em relação a outras similares.

3.1 Períodos de produção

A escrita aparece com as grandes sociedades pré-clássicas do Egito, da Mesopotâmia e da China, por volta do século 3500 a.C. devido à necessidade de registro de conhecimento. O papel nasce da necessidade de um suporte de fácil acesso e fácil confecção, e foi anunciado ao Imperador Ho Ti, na China, pelo oficial

da corte Cai (Ts'ai) Lun, no ano 150. se expande para o ocidente a partir do século VI, como ilustrado na Figura 1. (Santos, 2014, p. 1).

Figura 1 - A migração da tecnologia de fabricação do papel.



Fonte: *HQ PaperMaker. The History of the Paper.*

Com o aumento da produção escrita a partir da idade média e o nascimento da impressão surge um problema que teria crescimento exponencial: a dificuldade não só de se conhecer e encontrar uma obra em uma biblioteca, mas sim ter conhecimento dos títulos das obras produzidas, qualquer que seja o seu local de produção ou conservação (Estivals, 2012, p. 67-68).

A compreensão da localização de uma obra em seu contexto temporal começa com a contemplação das particularidades associadas à produção ao longo do tempo. Uma das distinções mais significativas que podemos identificar diz respeito aos períodos de produção: o período dos manuscritos (até 1500), a era da prensa manual (1500-1800) e a era da máquina de prensagem (1800-1950) (Gaskell, 1995). Uma análise minuciosa das transições entre esses períodos também é essencial para ajudar os pesquisadores a compreender a origem das obras, uma vez que, por exemplo, mesmo no que consideramos o período da prensa manual (1500-1800), ainda eram produzidos exemplares manuscritos. Isso se deve em parte à não imediata difusão da tecnologia da prensa manual.

Os materiais de papel e as encadernações utilizadas nas diferentes eras variam consideravelmente, no entanto, vale a pena notar que, além das diferenças temporais, as técnicas, materiais e máquinas de produção de papel também variam

significativamente em diferentes regiões durante o mesmo período. Nesse contexto, a geografia desempenha um papel crucial. Em diversas partes do mundo, ao longo da história, várias técnicas locais foram desenvolvidas para a fabricação de papel. Isso resultou em uma ampla gama de métodos de produção de papel, com variações nas matérias-primas, processos de fabricação e características finais do papel. Essas diferenças nas técnicas e materiais de produção de papel também podem ser indicativas de origens geográficas específicas.

Além disso, a evolução das técnicas de produção de papel ao longo do tempo desempenhou um papel importante na disponibilidade e acessibilidade dos livros. A transição da produção manual de papel para o uso de prensas mecânicas na fabricação de papel, por exemplo, teve um impacto significativo na quantidade de livros produzidos.

No período dos manuscritos, as diferenças entre exemplares podiam ser notavelmente discrepantes. Isso se devia, em grande parte, à ausência de ênfase na busca de um "original" e, em vez disso, à valorização da posse de cópias. Os escribas desempenhavam um papel crucial na replicação de livros para nobres e instituições religiosas, priorizando a preservação da informação, especialmente considerando a escassez de letrados e a limitada disponibilidade de livros naquela época, esse estado de procura por exemplares para cópia é denominado por Peignot (1984, p. 10) como Bibliopola. Na Figura 2 podemos ver um scriptorium, que era uma grande sala ou compartimento de um mosteiro que ficava reservada para uso dos escribas e copistas destas comunidades.

Figura 2 - Scriptorium



Fonte: Element Village (apud Covêllo e Alves, 2015, p. 43)

Nesse contexto, o foco recaía na disseminação do conhecimento e na perpetuação das obras, independentemente de sua forma ou autenticidade. Esse cenário contrasta fortemente com as práticas de produção e preservação de livros em eras subsequentes, ressaltando a evolução da produção de livros ao longo da história e a importância de considerar as particularidades de cada período ao analisar obras antigas.

A partir desse entendimento, torna-se evidente que diferentes disciplinas acadêmicas desempenham papéis complementares na análise da materialidade dos livros e manuscritos. Cada uma dessas disciplinas aborda aspectos específicos que contribuem para a compreensão mais completa das obras e sua história. Em seguida, iremos explorar essas disciplinas de estudo do livro em detalhes: bibliografia material, bibliologia, filologia, paleografia, codicologia e arqueologia do livro. Cada uma delas oferece uma perspectiva única e complementar, buscando ampliar nosso conhecimento sobre a materialidade e a história dessas obras.

4 DISCIPLINAS DE ESTUDO DO LIVRO

A arqueologia do livro é uma área interdisciplinar que se concentra na investigação de objetos relacionados a livros e manuscritos como artefatos de valor histórico e cultural. Várias disciplinas afins contribuem significativamente para o estudo de livros antigos. Estas disciplinas incluem a Bibliologia, a Bibliografia Material, a Filologia, a Paleografia e a Codicologia. Vale ressaltar que todas essas disciplinas não se limitam apenas ao estudo de livros antigos, mas também têm aplicações em campos como a história, a linguística, a biblioteconomia e a preservação do patrimônio cultural.

O ponto em comum entre todas essas disciplinas é a abordagem do livro e do documento manuscrito como artefatos históricos. Elas se esforçam para analisar esses artefatos sob uma perspectiva histórica e aplicar métodos específicos para compreender sua importância e contexto no passado. Essa abordagem integrada permite uma compreensão mais profunda e abrangente dos livros e manuscritos antigos, contribuindo para a preservação e o enriquecimento do nosso conhecimento sobre a história e a cultura. (Gilissen apud Ackel e Madeira, 2021, p. 4).

4.1 Bibliologia

A bibliologia, outrora denominada “ciência do livro”, é a ciência que se dedica ao estudo dos livros como objetos físicos e materiais. Ela desempenha um papel fundamental na ciência da documentação e informação, abrangendo uma ampla gama de tópicos relacionados, como a história do livro, a história da impressão, a história das bibliotecas, a bibliofilia, etc. (Gracia, 2005, p. 28)

No cerne da Bibliologia está a análise das características físicas dos livros, como o tipo de papel utilizado, a técnica de encadernação, as ilustrações e outros elementos que compõem a materialidade dos livros. Por meio dessa disciplina, os pesquisadores podem rastrear a evolução das técnicas de produção de livros ao longo do tempo e compreender como essas mudanças impactaram a preservação e a acessibilidade do conhecimento contido neles. A Bibliologia desempenha um papel crucial na conservação de acervos bibliográficos, bem como na identificação de obras raras e valiosas.

Gracia nos apresenta duas abordagens teóricas para definir a Bibliologia: a primeira, proposta por Jacques Breton, considera a Bibliologia como o

estudo sistemático das condições de produção, difusão e utilização dos escritos impressos em todas as suas formas, incluindo a busca de fatores que expliquem os fenômenos, tanto a nível económico e técnico, como político, social e cultural, para descobrir suas perspectivas de evolução tanto quantitativas como qualitativas. (Jacques Breton apud Gracia, 2005, p. 30, tradução nossa)

No entanto, essa perspectiva limita-se ao termo "impresso," excluindo documentos manuscritos (Martínez de Sousa apud Gracia, 2005, p. 30).

A segunda corrente, e mais predominante, é proposta pela Associação Internacional de Bibliologia (AIB), que define a Bibliologia de acordo com Paul Otlet, como uma ciência que estuda a elaboração, distribuição e uso da escrita e da comunicação escrita (Estivals; Martínez de Sousa apud Gracia, 2005, p. 30). Essa definição mais abrangente engloba tanto os escritos impressos quanto manuscritos, oferecendo uma visão mais inclusiva da disciplina.

O presidente da AIB, Robert Estivals, afirma que pertencem à Bibliologia as seguintes matérias:

diplomacia, gramatologia ou ciência da escrita e dos gráficos (manuscritologia, paleografia, grafologia, semiologia tipográfica), documentologia (epigrafia, papirologia, codicologia, numismática, sigilografia), edição (bibliografia material e textologia), biblioteconomia, bibliografia científica, ciência da leitura ou ciência geral da leitura, bibliometria e ciências bibliológicas interdisciplinares (bibliologia histórica, sociológica, política, etc.) (Martínez de Sousa apud Gracia, 2005, p. 31, tradução nossa)

A abordagem de Robert Estivals reconhece a ampla influência e o alcance da Bibliologia como um campo que não se limita apenas aos livros, mas também engloba todas as formas de expressão escrita, e por isso todas as disciplinas que tratem de materiais escritos seriam “subordinados” à bibliologia: “em termos de bibliologia, os fenômenos categorizados referem-se à escrita e não aos livros, que hoje constituem apenas uma subcategoria de escritos” (UNESCO apud Estivals, 2012, p. 67, tradução nossa).

Paul Otlet (1934, p. 9), amplamente reconhecido como o precursor da bibliologia científica internacional por pesquisadores e teóricos da Bibliologia (Estivals, 2012, p. 67), afirmou de forma visionária: "Precisamos agora não só de Bibliografia, que se dedica à descrição de livros, mas de Bibliologia, isto é, de uma ciência e técnica geral do documento". Otlet foi o primeiro a entender a Bibliologia como uma ciência "mãe," abrangendo todas as outras disciplinas relacionadas (Gracia, 2005, p. 29-30).

Roubakin oferece uma visão mais abrangente da Bibliologia, descrevendo-a como a “psicologia da criação de livros, da sua distribuição e circulação, da sua utilização pelos leitores, as escolas, as bibliotecas, as livrarias, etc.” (Roubakin apud Gracia, 2005, p. 30, tradução nossa). Além disso, a definição de Díez y Lozano enfatiza que tudo “o que se refere à entidade do livro constitui a Bibliologia” (apud Gracia, 2005, p. 29, tradução nossa).

Em consonância com a abordagem de Roubakin, Antônio Houaiss publicou em 1983 uma obra intitulada "Elementos de Bibliologia," que tinha como objetivo criar uma lista de "características tipográficas desejáveis - dentro das disponibilidades técnicas existentes numa situação concreta" e fornecer uma breve explicação de como alcançar esses objetivos.

Essas obras, como a de Houaiss, demonstram a amplitude e a interdisciplinaridade da Bibliologia, evidenciando como desempenharam um papel crucial na definição de padrões de qualidade para publicações. Esses padrões desempenham um papel essencial na compreensão dos documentos escritos e no reconhecimento de sua relevância na cultura e na história. Além disso, eles têm contribuído para promover a excelência na criação, distribuição e uso de livros e outros meios de comunicação escrita, beneficiando assim o campo bibliológico e a sociedade em geral.

É importante destacar que a Bibliologia, de acordo com definições, origens e estruturas concebidas por seus principais estudiosos, não pode ser adequadamente compreendida independentemente das ciências da documentação. Conforme observado por Gracia (2005, p. 44), o estudo da escrita e seus suportes desempenha um papel fundamental nas ciências da documentação e informação. Essa interconexão reflete a estreita relação entre a Bibliologia e as disciplinas de documentação, enfatizando a importância de entender a escrita, seus suportes e o contexto em que os documentos são criados e usados.

Embora possa haver uma visão pragmática de subordinação a depender da perspectiva entre a Bibliologia e as ciências da documentação, a realidade é que ambas as áreas estão intrinsecamente ligadas e se complementam. A Bibliologia fornece a base para a compreensão dos objetos físicos e materiais relacionados à escrita, enquanto as ciências da documentação abrangem a gestão, organização e uso de documentos, incorporando o conhecimento obtido através da Bibliologia. Essa sinergia entre as duas áreas é essencial para uma compreensão completa e eficaz dos materiais escritos e seu impacto na cultura e na história.

4.2 Bibliografia Material

Bibliografia significa essencialmente o estudo de livros como objetos materiais. Embora sua principal finalidade seja facilitar a produção e distribuição de textos precisos, sua responsabilidade primordial reside em determinar um texto na sua forma mais precisa (Gaskell, 1995, p. 1). o Dicionário da Academia Real Espanhola a define como a “descrição, conhecimento de livros e suas edições, etc.” assim como a “relação ou catálogo de livros ou escritos referentes a um determinado assunto” (Garcia, 2005, p. 31-32). Walter Greg (apud Gaskell, 1995, p. 1) expande a definição tradicional, chamando a bibliografia de ciência da transmissão de documentos literários, abrangendo não apenas a genealogia e o relacionamento de diferentes textos, mas também a evolução de textos específicos nos processos de produção e reprodução.

Segundo Gaskell (1995, p. 1) a bibliografia pode nos ajudar “a identificar livros impressos e a descrevê-los; julgar a relação entre textos variantes e avaliar a sua autoridade relativa; e, onde o texto estiver defeituoso, adivinhar o que o autor quis que lemos”. Ele também argumenta que não há razão para limitar a bibliografia somente a documentos literários, mas que todos os documentos, manuscritos e

impressos, são da alçada do bibliógrafo. Em contraponto, Gaskell explica, que os procedimentos da bibliografia se aplicam não somente a documentos textuais, mas também a qualquer tipo de reprodução das quais possam surgir diferentes versões.

A biblioteconomia se divide em subdisciplinas que possuem metodologias e objetos de estudos diferentes, sendo elas:

a bibliografia sistemática, enumerativa e compiladora, que equivale aos postulados da corrente continental; bibliografia analítica ou crítica, ou seja, a ciência do livro (coincidência etimológica com bibliologia); a bibliografia descritiva, que se detém na busca pelo exemplar ideal; bibliografia textual, que trata da história do texto; a bibliografia histórica, que se dedica ao estudo dos métodos de produção de livros; e a sociologia dos textos. (Reyes Gómez apud Gracia, 2005, p. 33)

A bibliografia material é, então, uma subdisciplina que está diretamente relacionada com a bibliografia, e indiretamente com a bibliologia. Também denominada bibliografia textual, é entendida por Varry (2014, p. 108) como a arqueologia do livro impresso. A maioria dos autores que relacionam essas disciplinas sempre incluem a bibliografia dentro da bibliologia (Gracia, 2005, p. 36), como exemplificado na Figura 3, e nunca o contrário.

Figura 3 - Relação entre a bibliologia e a bibliografia



Fonte: Adaptado de Gracia (2005, p. 36, tradução nossa)

O Dicionário da Academia Real Espanhola indica que a bibliografia material é o “estudo do processo material da fabricação do livro impresso, visando a restituição do texto mais fiel à vontade do autor” (Garcia, 2005, p. 31-32). Ela foi estabelecida na Grã-Bretanha na virada dos séculos XIX e XX (Varry, 2014, p. 108, tradução nossa), e é uma abordagem que se concentra na identificação e descrição de características materiais de obras impressas. Ela examina elementos como o tipo de impressão, a tipografia, a encadernação, marcas d'água no papel, entre outros detalhes. Essa abordagem é fundamental para a autenticação de obras antigas e

para a identificação de edições e cópias únicas de livros. A bibliografia material é uma ferramenta importante para bibliófilos, historiadores e bibliotecários na identificação e preservação de livros raros.

As práticas da bibliografia material incluem a análise das práticas oficinais (assinaturas, anúncios, duplas letras maiúsculas, etc.), o estudo da estruturação dos textos, as notas, o aparato crítico e a evolução da sua apresentação ao longo do tempo (Varry, 2014, p. 114). Para que possa existir uma base de comparação foram criadas diversas bases de dados específicas, como de ornamentos tipográficos, marcas d'água e marcas de impressores (Varry, 2014, p. 117-118), além disso houve também “uma exposição organizada por Roger Stoddard em Harvard em 1985 deu origem a um catálogo ilustrado, recentemente reeditado, que constitui uma excelente visão geral das marcas e estigmas de todos os tipos que podem ser encontrados nos livros: impressão fantasma, vários efeitos de manipulação durante a fabricação, marcas de propriedade, censura, etc.” (Varry, 2014, p. 119). Para os países anglo-saxões o bibliógrafo tem por objetivo aplicar o seu conhecimento da história da impressão e técnicas relacionadas ao estudo dos livros, estabelecer a sua autenticidade, especificar a data e o local da impressão, e, finalmente, examinar todos esses detalhes que permitem esclarecer a origem material de uma obra (Malclès apud Varry, 2014, p. 108).

4.3 Filologia

Filologia, também chamada de crítica textual, é o estudo acadêmico das línguas, particularmente no que diz respeito à sua origem, evolução, estrutura, significado e uso. A filologia envolve a análise detalhada de textos escritos, incluindo manuscritos antigos, inscrições, documentos históricos e obras literárias, com o objetivo de compreender e interpretar a linguagem e a cultura associadas a esses textos. Sobre o estudo das obras manuscritas podemos afirmar:

O manuscrito pode ser considerado essencialmente como portador de uma mensagem escrita que é transmitida ao longo do tempo, e assim deve ser preservado como testemunha de uma época. Como tal, passa a ser uma representação de um fenômeno social e cultural, produto de uma atividade intelectual. (Ackel e Madeira, 2021, p. 8)

Essa ideia também é aplicável a outros tipos de textos escritos, já que todos carregam uma identidade da sociedade em que foram produzidos. Para examinar esses textos, os filólogos analisam a gramática, a fonologia, a semântica, a etimologia e a evolução das línguas ao longo do tempo. A filologia é especialmente

útil na interpretação de textos antigos onde as mudanças linguísticas ao longo do tempo podem dificultar a compreensão. Os estudos filológicos fornecem matéria-prima para diversos especialistas, como lingüistas, literatos e historiadores, enquanto outras disciplinas oferecem subsídios para o trabalho do filólogo (CARVALHO, 2003, p. 46).

A crítica textual busca desvendar a complexa interação entre o autor, o processo de transmissão do texto ao longo do tempo e as várias cópias e edições que podem existir. Isso inclui a análise minuciosa de manuscritos, edições impressas, variações textuais, erros de cópia e alterações deliberadas feitas ao longo da história. Além disso, essa disciplina visa reconstruir o texto original, quando possível, e compreender a evolução do texto ao longo do tempo. Ackel e Madeira (2021, p. 9) resumem o papel das disciplinas filológicas da seguinte forma:

As disciplinas filológicas, que se debruçam sobre os documentos escritos com o objetivo de fixar o texto e analisar seus aspectos materiais para, afinal, não só averiguar sua autenticidade e fidedignidade, mas, principalmente, torná-lo compreensível ao leitor contemporâneo.

A filologia trata de língua, literatura e cultura através de textos, e está frequentemente relacionada à pesquisa histórica e cultural, uma vez que o estudo de textos antigos pode fornecer informações valiosas sobre a sociedade, a história e a mentalidade das épocas em que foram produzidos. Ela desempenha um papel fundamental na preservação e interpretação da herança linguística e literária da humanidade.

Conforme mencionado anteriormente, o contexto em que uma obra foi criada oferece uma riqueza de informações significativas sobre a própria obra. A Filologia, assim como outras disciplinas, dedica atenção especial à compreensão do documento em seu ambiente, como destacado por Carvalho (2003, p. 46):

Devemos ficar atentos, porém, para a época em que esses textos foram produzidos, se antes ou depois do advento da imprensa, pois antes, dispúnhamos de cópias de cópias, e qualquer intento de restaurar o texto seria resultante de um processo difícil e complexo, através do método conjectural; depois, os textos interessam como realidades dinâmicas nas quais se mesclam, de muitas formas, diversas perspectivas de estudo, daí procurarmos estudar os materiais e as técnicas de escrita, as condições históricas e sociais que interferem em sua produção.

Essa abordagem ressalta a importância de analisar uma obra dentro do contexto mais amplo em que foi produzida, permitindo-nos desvendar camadas adicionais de significado e compreender melhor as motivações do autor e as influências que moldaram a obra.

Segundo Carvalho (2003, p. 45) a filologia se divide em dois ramos:

1. da Lingüística – que faz o estudo científico das línguas do ponto de vista sincrônico (em uma dada época, em seu estado atual) – Lingüística Descritiva – e/ou diacrônico (através dos tempos) – Lingüística Histórica. [...]
2. da Filologia Textual / Crítica Textual – que se ocupa do processo de transmissão dos textos, com a finalidade de restituir e fixar sua forma genuína.

Dentro desses dois ramos teóricos da filologia encontram-se diversas atividades: a edição crítica de textos, que busca reconstituir o texto representativo do ânimo autoral - considerada pelos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica das formas de fazer filologia; a lingüística, que trata das línguas em geral e de sua comparação ou de um grupo de línguas aparentadas, ou de uma língua específica; os estudos literários que se ocupavam da Bibliografia, da Biografia, da Crítica Estética e da História da Literatura; e os comentários ou explicação de textos (CARVALHO, 2003, p. 44).

Ackel e Madeira (2021, p. 8) entendem o papel do filólogo como:

“Trata-se de conceber o documento como testemunho real da história que conta, entendê-lo como objeto de registro pertencente à época em que foi elaborado. É sob esse aspecto que pode o filólogo analisar seu objeto de estudo e investigar sua validade, identidade, valor, autenticidade.”

Nessa definição, Ackel e Madeira destacam a importância de encarar o documento como uma janela para o passado, onde o filólogo desempenha o papel crucial de desvendar o contexto histórico, autenticidade e significado do documento, contribuindo para uma compreensão mais profunda da cultura e da sociedade da época em que foi produzido.

Ao compreender o papel do filólogo, podemos adentrar na discussão sobre o objeto de estudo da crítica textual (filologia), que é o próprio texto. Essa abordagem se concentra na análise do texto em suas múltiplas dimensões, considerando não apenas sua existência material e histórica, mas também seu papel como testemunho documental e literário.

Por fim, segundo Carvalho (2003, p. 46-47) a crítica textual é dividida entre:

- (1) **Crítica Textual Tradicional:** aplicada a textos com original ausente, propõe-se à restituição de um texto que se aproxime o mais possível do original, eliminando os erros introduzidos na tradição, preparando-o para a publicação,
- (2) **Crítica Textual Moderna:** aplicada a textos com original disponível, com o objetivo de editá-lo, estabelecendo um texto que represente aproximadamente as intenções originais (ou finais) do autor; e,

- (3) **Crítica Textual Genética:** estuda a história do nascimento e do tornar-se escrita de uma obra, desde as suas marcas escritas primitivas até a sua última forma atestada, estudar e determinar o processo de gênese do texto neles (manuscritos autógrafos) contido, dando especial atenção aos aspectos materiais que a documentam.

4.4 Codicologia

A codicologia emerge como a disciplina dedicada ao estudo aprofundado dos manuscritos antigos, com especial ênfase nos códices. O próprio termo "manuscrito" encontra sua designação no contraste estabelecido com a tipografia, uma vez que esta, ao alterar as técnicas de produção e publicação, introduz uma divisão significativa na história do livro (Ackel e Madeira, 2021, p. 5). Essa distinção crucial entre manuscritos e impressão tipográfica não só traça os contornos de diferentes períodos históricos na produção de livros, mas também destaca a relevância da codicologia na compreensão de uma fase que abrange desde a invenção da escrita (aproximadamente 30 a.C.) até a criação das primeiras máquinas tipográficas (aproximadamente 1455 d.C.). Ao abranger esse extenso intervalo de tempo, a codicologia oferece uma janela única para a evolução das práticas de escrita e preservação do conhecimento, revelando as transformações materiais e culturais que moldaram o registro e a transmissão de informações ao longo de séculos.

Os códices se tornaram mais comuns a partir do início da era cristã e foram amplamente utilizados durante a Idade Média e a Renascença. Diferentemente dos rolos de pergaminho que eram comuns na antiguidade, os códices possuem folhas, geralmente de papel ou pergaminho, costuradas em formato de encadernação, algumas vezes ligadas por anéis para formar um bloco (Ackel e Madeira, 2021, p. 5), e outras vezes presos por costura na encadernação. Comparados aos rolos, os códices eram mais fáceis de manusear, armazenar e referenciar, facilitando o acesso à informação.

Códice indica, portanto, a forma preservada do livro (embora com características diferentes) até os dias atuais e que, a partir do século I d.C., aproximadamente, foi substituindo os volumes, ou rolos, sendo passado sob essa forma do Antigo Egito para o mundo greco-romano. Códice refere-se ao livro em sua materialidade concreta, ou seja, aquela em que a ideia abstrata do autor encontra, por meio de sua editoração, a realização física para alcançar o produto final: o livro. (Ackel e Madeira, 2021, p. 5)

O termo "códice" também pode ser usado mais genericamente para se referir a qualquer sistema de escrita ou conjunto de leis. No contexto das artes,

especialmente na história da pintura e da ilustração de manuscritos, o termo "códice" também pode se referir a manuscritos ilustrados, muitas vezes ricamente decorados com ilustrações e ornamentações. Na Figura 4 temos o exemplo do códice Zouche-Nuttall, que é um manuscrito pictórico mexicano feito de peles de veado tratadas unidas nas dobras

Figura 4 - Códice Zouche-Nuttall (aprox. século XIV)



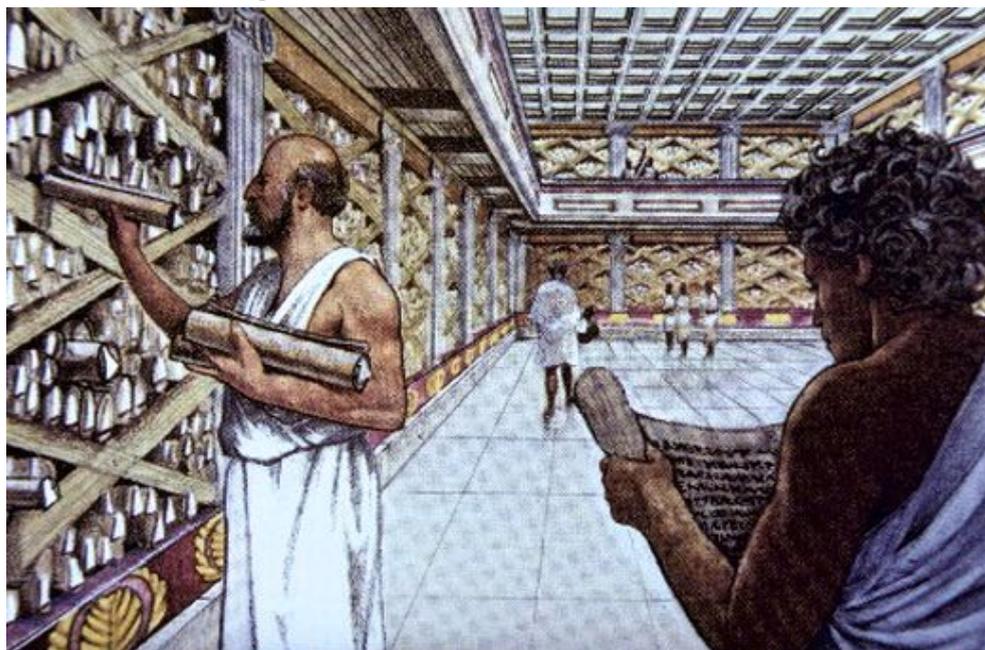
Fonte: Museu Britânico.

Segundo Battles (apud Covêllo e Alves, 2015, p. 34),

Os rolos tinham etiquetas presas aos umbilici com os nomes dos autores e com os títulos das obras. Isso era necessário, pois os rolos, ao contrário dos códices, não ficavam em pé nas estantes. Eram simplesmente dispostos em pilhas, sem muito cuidado. Para remover um rolo, um leitor ou funcionário da biblioteca teria que remexer todos os outros que estivessem na mesma pilha. Em razão disso, só deveria ser possível manter um ordenamento muito genérico dos manuscritos.

A transição do rolo de papiro para o livro de pergaminho representa uma revolução tão significativa quanto a introdução dos tipos móveis (Brossin, 2015, p. 1, tradução nossa). O formato em rolo apresentava desafios consideráveis em termos de organização, como ilustrado na figura 5, à medida que mais obras eram empilhadas, o manuseio tornava-se cada vez mais impraticável. A adoção do formato de encadernação dos códices, no entanto, trouxe uma solução natural para o problema de organização, facilitando consideravelmente o acesso e a gestão das obras.

Figura 5 - Interior da Biblioteca de Alexandria



Fonte: Paradigmatrix (apud Covêllo e Alves, 2015, p. 34)

A palavra "codicologia" tem origem no termo latino "*codex*", que significa "livro". Por volta do primeiro século a.C. o termo "*codex*" era usado para se referir a pequenas tábuas de madeira cobertas com cera que eram usadas junto com ou em vez de rolos de papiro para fazer anotações, escrever cartas, fazer trabalhos escolares, transcrever atos jurídicos e assim por diante (Figura 6).

Figura 6 - Tabuinhas de madeira e cera, Egito bizantino, 500-700 d.C.



Fonte: Metropolitan Museum of Art (The Met, NYC)

Seu interesse está em estudar a história física dos livros manuscritos, incluindo a evolução das formas de encadernação, a tinta utilizada, as técnicas de ilustração, as marcas de proprietários e quaisquer outras características relacionadas à sua materialidade que possam fornecer informações valiosas sobre a produção e a circulação de livros ao longo do tempo para que seja possível a contextualização da sua produção. Dain afirma que:

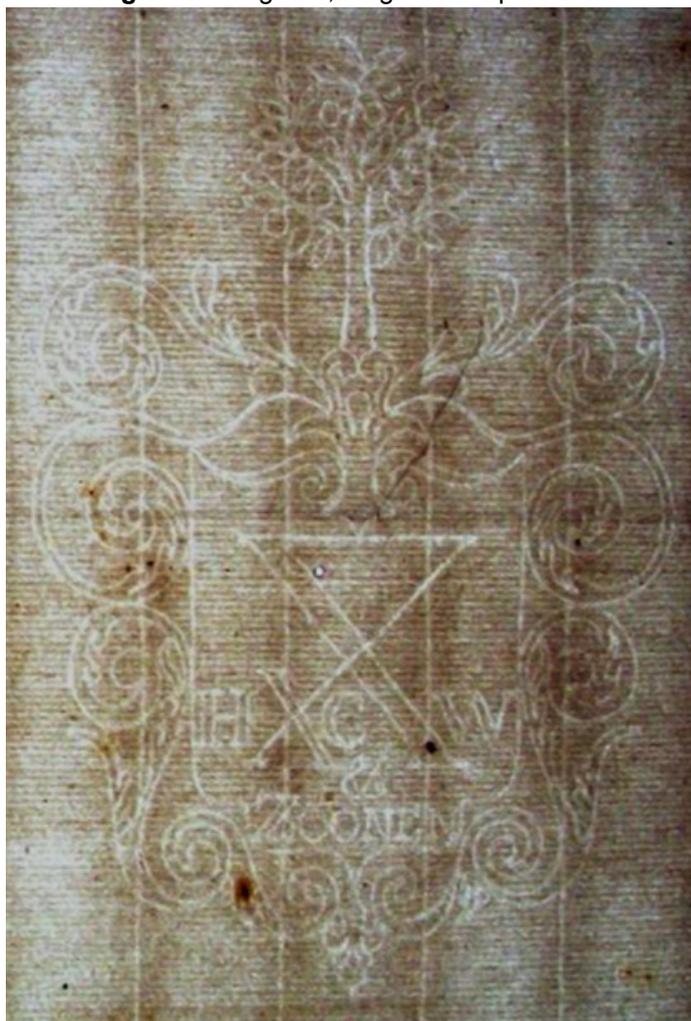
As missões e domínio da codicologia [são]: história dos manuscritos, história das coleções de manuscritos, pesquisa sobre sua localização atual, problemas de catalogação, repertórios de catálogos, comércio de manuscritos, seu uso, etc. Pelo contrário, pertencem, do meu ponto de vista, à paleografia: o estudo da escrita e do material escrito, a preparação do livro e da sua ilustração, e o exame da sua 'arquitetura'. (apud García, 2002, p. 21, tradução nossa)

Essa disciplina contribui significativamente para o entendimento da cultura escrita e da transmissão do conhecimento ao longo da história. Ela é fundamental para a identificação, catalogação e conservação de manuscritos, e para além disso ela também se torna “responsável por assegurar o restauro e a conservação de patrimônios documentais.” (Ackel e Madeira, 2021, p. 3).

É interesse, também, da codicologia, os aspectos gráfico-visuais do documento, ou seja, as formas de distribuição do material textual no suporte. O codicologista conjectura o nível de educação que teve seu autor ao examinar elementos como recuos de parágrafos, vocativos centralizados e separados da mancha, assinaturas posicionadas no final do texto com margem à direita, ou itens gráficos organizados de maneira planejada na folha de papel (Ackel e Madeira, 2021, p. 9). Em resumo, a codicologia realiza uma análise abrangente que engloba a escrita, o pergaminho ou papel, as tintas e régua, o substrato, a diagramação, a decoração, a ilustração, a encadernação e cadernos, as marcas d'água, as condições de produção e conservação dos manuscritos, e a organização sociológica de sua produção, sem negligenciar o seu conteúdo (Derolez, 1973, p. 49; Brossin, 2015, p. 1).

Na Figura 6 podemos identificar uma marca d'água (filigrama), além dos fios metálicos que integram o tear da fôrma usada na fabricação manual do papel (vergaduras e pontusais). Além dessas características intrínsecas à sua fabricação, um manuscrito revela indícios das transformações que ocorreram em sua estrutura ao longo do tempo.

Figura 7 - Filigrana, vergaturas e pontusais



Fonte: Ackel e Madeira, 2021, p. 7

O exame cuidadoso dessas alterações pode enriquecer nossa compreensão da narrativa contida no manuscrito, proporcionando uma visão mais completa e detalhada de sua jornada, evolução e significado. Essas modificações abrangem diversos aspectos, tais como (Ackel e Madeira, 2021, p. 8):

1. Material: Evidências de mudanças no estado físico do suporte, como carimbos, rasgos, dobras e corrosões causadas por insetos e umidade;
2. Substancial: Alterações na composição imagética e estética do documento, que podem incluir anotações nas margens, autorais ou não, datas, vocativos e assinaturas destacadas; e,
3. Histórico: Transformações relacionadas ao curso da transmissão do documento ou ao local onde esteve guardado, envolvendo leituras e anotações feitas por terceiros, bem como possíveis manipulações e posse indevida.

A materialidade é o enfoque principal da codicologia e se concentra na ideia de produção social como parte integrante de uma época (Tilley apud Ackel e Madeira, 2021, p. 7). Sobre a relação da codicologia com a materialidade Ackel e Madeira afirmam:

Por materialidade entende-se toda resposta que se tenha de um documento a partir do contato direto, por exemplo, sentir sua textura e seu peso, olhar contra a luz, verificar dobras, manchas, rasgos, carimbos, anotações de terceiros etc. Ao observar o fólio, o codicologista consegue examinar, por exemplo, a disposição do texto principal (conhecido como mancha), o número total de linhas manuscritas, a utilização ou não de margens e parágrafos na composição textual, destaques de fragmentos como datas tópica e cronológica, vocativo, assinatura e escritos posteriores (2021, p. 3)

A análise das modificações realizadas em um documento, juntamente com a observação de suas características físicas, pode revelar ao estudioso o propósito e o uso de um manuscrito (Ackel e Madeira, 2021, p. 4). Embora a codicologia tenha como principal foco compreender a história do texto por meio da observação e descrição dos elementos empregados em sua produção e uso, ela também se preocupa em identificar os componentes que constituem a materialidade de um documento. Esse processo é realizado mediante a análise das condições e da aparência do suporte textual (Ackel e Madeira, 2021, p. 3).

No seu surgimento, a codicologia era frequentemente vista como uma ciência auxiliar da história, desempenhando um papel complementar na compreensão dos documentos do passado. No entanto, ao longo do tempo, a codicologia evoluiu e conquistou o status de uma ciência autônoma. Essa transição não ocorreu apenas devido ao estabelecimento de teorias e métodos para desvendar seu objeto de estudo, mas também porque a disciplina demonstrou a capacidade de oferecer novas perspectivas, não apenas para os manuscritos tradicionais, mas também para os suportes digitais. (Ackel e Madeira, 2021, p. 2)

A codicologia tem suas raízes no início do século XIX, quando o bibliotecário Friedrich Adolph Ebert (1825) publicou uma obra que delineou as distinções entre a diplomacia, a epigrafia, a paleografia e a "Bücherhandschriftenkunde" (por. estudos de manuscritos de livros). Este último, de acordo com a definição do autor, representava uma ciência dedicada à análise da "forma externa e interna" dos manuscritos (García, 2002, p. 19). Em 1927, Charles Samaran propôs o termo "codicografia" para nomear essa nova disciplina. No entanto, esse neologismo não ganhou popularidade e foi rapidamente esquecido. Somente alguns anos mais tarde, Alphonse Dain introduziu o termo "codicologia", e a adoção de um único termo em

vez das traduções dos termos alemães contribuiu para sua prevalência (García, 2002, p. 20). Devido ao caráter interdisciplinar da codicologia, os codicologistas frequentemente trabalham em estreita colaboração com bibliotecários, historiadores, arqueólogos e outros profissionais para compreender melhor a história e a preservação dos manuscritos antigos.

A codicologia, por sua natureza, compartilha interesses e objetos com diversas ciências. Tem estreito parentesco com a história, mas não menos que com a filologia ou com a arte, para citar os casos mais evidentes. Tais relações múltiplas constituem uma fonte de riqueza intelectual, já que as orientações metodológicas e as técnicas aplicadas em outros campos do saber são suscetíveis a extrapolar para o nosso âmbito. (García apud Ackel e Madeira, 2021, p. 3, tradução nossa)

A codicologia apresenta a possibilidade de ser subdividida em diversas subdisciplinas, a depender da perspectiva adotada. O Instituto de Pesquisa e História dos Textos (IRHT), estabelece uma distinção entre uma **codicologia histórica**, dedicada ao estudo de bibliotecas, coleções e catálogos, e a **codicologia científica ou técnica**, cuja missão é o exame arqueológico de manuscritos. (García, 2002, p. 23). Em contraste com a divisão bipartidária do IRHT, o Professor J. P. Gumbert era a favor de uma divisão tripartida.

Em sua opinião, o exame de um manuscrito específico em todos os seus aspectos, mas sempre considerado em seu ambiente natural, seja scriptorium ou biblioteca, seria denominado '**codicologia arqueológica**'; o estudo geral dos manuscritos na sua materialidade daria origem à '**technologische Kodikologie**' [por. codologia tecnológica]; Por fim, a análise do livro como produto da sociedade em que nasce daria origem a uma '**codicologia cultural**'. (García, 2002, p. 23-24).

Ackel e Madeira (2021, p. 6) apresentam uma terceira divisão, proposta ao longo dos anos 1970, para que a codicologia fosse diferenciada em duas áreas: a *codicologia scripto sensu* e a *codicologia lato sensu*.

A *codicologia scripto sensu* observa a forma, os suportes, os instrumentos e todos os procedimentos de fabricação para que o livro ou o documento manuscrito chegue à sua realização. Nesse sentido, essa codicologia pode ser considerada a arqueologia do livro, a ciência de seus componentes materiais ou conjunto de características físicas.

A *codicologia lato sensu* aborda os manuscritos como objeto cultural e textual, portanto, requer um grau de estudo que não se concentre apenas na descrição material do objeto. Alguns estudiosos – principalmente historiadores – entendem que a *codicologia lato sensu* deve incluir produção, uso, transmissão e significado de um livro ou documento em seu contexto cultural. (Ackel e Madeira, 2021, p. 6)

A *codicologia* é comumente reconhecida como a disciplina fundamental da qual a arqueologia do livro, como subdisciplina, tem suas origens. Ambas as disciplinas convergem para explorar os vestígios materiais e culturais deixados pelos livros ao longo do tempo, proporcionando uma compreensão profunda da evolução da escrita e da preservação do conhecimento. Ouy (apud García, 2002, p. 23) afirma

que a especialidade dedicada a analisar o manuscrito como testemunho histórico deveria ser chamada, conseqüentemente, de “arqueologia do livro” ou “codicologia”.

4.5 Paleografia

“Paleografia” deriva das palavras gregas παλαιός (*palaiós*), que significa antigo e γραφή (*grafí*), que significa escrita, e é um campo que propõe o estudo da caligrafia antiga para transcrever e interpretar textos antigos, além de datar e localizar esses manuscritos com base em sua caligrafia, e julgar com probabilidade de sucesso relativamente a autenticidade ou falsidade dos textos. (Wakelin, 2017, n.p; Muñoz y Rivero, 1889, p. 5).

García (2002, p. 19-20) explica que houve uma época em que a paleografia e a codicologia eram consideradas sinônimos, mas em 1909 Ludwig Traube introduz uma distinção entre as duas. A primeira se concentra na “decifração correta da escrita, incluindo a interpretação de abreviaturas e a análise de possíveis erros textuais, além de datar e localizar a peça em questão”; e a codicologia (que ela chama de *Handschriftenkunde*) é o “estudo de toda a escrita que não faça parte do texto em si e o exame dos elementos materiais do manuscrito, ou seja, a natureza do suporte do livro, preparação e composição dos cadernos e técnicas de conservação”.

Para alguns autores a paleografia é considerada uma ciência auxiliar da arquivística e da codicologia (Gracia, 2005, p. 37), e ela se divide entre diplomática, bibliográfica, numismática e epigráfica (Muñoz y Rivero, 1889, p. 7). A paleografia diplomática não se limita ao exame da letra, mas estuda todas as características de diplomas, cartas e outros documentos oficiais, como o material de escrita, os instrumentos gráficos, as tintas, os selos, a linguagem, o estilo e as fórmulas que foram utilizadas nos antigos diplomas. A bibliográfica estuda a escrita de códices antigos e livros manuscritos e pode ser considerada um ramo da bibliografia (Muñoz y Rivero, 1889, p. 7).

A paleografia numismática examina a escrita de moedas e medalhas, e deve ser considerada “parte integrante da ciência numismática, que estuda, além do formato da letra, os tipos, a arte, a matéria, as fórmulas, o valor e outros caracteres das moedas”. Por último, a epigráfica estuda a escrita em lápides e inscrições arqueológicas e é um ramo da epigrafia, “ciência que estuda nas inscrições antigas

não apenas o caráter da letra, mas também o material de escrita, os instrumentos gráficos, o estilo, a linguagem, as fórmulas, etc.” (Muñoz y Rivero, 1889, p. 7)

A paleografia abrange a análise dos estilos de escrita, dos caracteres individuais e das convenções de escrita que evoluíram ao longo de diversas épocas e regiões. Os paleógrafos dedicam-se a estudar e catalogar as diferenças e características específicas de cada forma de escrita. Ao examinar as nuances da caligrafia ao longo do tempo, os paleógrafos desempenham um papel essencial na datação e na localização de manuscritos. A compreensão das mudanças na escrita ao longo das épocas não apenas enriquece a apreciação estilística, mas também ajuda na identificação de origens geográficas e contextos culturais, além de facilitar ao leitor contemporâneo a leitura de textos antigos com caligrafias não mais conhecidas. Na Figura 8, observa-se um exemplo de escrita gótica. Graças aos estudos de paleógrafos, é possível afirmar que esse estilo esteve em uso na Europa Ocidental de 1150 a 1500, e se perdurou na língua dinamarquesa até 1875 e nos países de língua alemã até o século XX.

Figura 8 - Exemplo de caligrafia gótica

Et quia omne qu-
fit antequam fi
at non fit no sc
um filij b d g h p r x y

Fonte: Blog Discutindo a Paleografia.¹

Os estudos minuciosos feitos pelos paleógrafos são traduzidos em catálogos de alfabetos em diferentes caligrafias, como pode ser observado na Figura 7. Esses catálogos de caligrafias poderão auxiliar também outros profissionais estudiosos do livro, como por exemplo o filólogo que fará a análise e tratamento do material.

¹ Disponível em: <https://paleografiamuseologia.blogspot.com/2013/01/definicao-de-paleografia.html>. Acesso em: 05 dez. 2023.

Figura 9 - Alfabeto de letras minúsculas (Séculos XV, XVI e XVII)

ALFABETOS DE LETRAS MINÚSCULAS		
SIGLO XV	SIGLO XVI	SIGLO XVII
a a a a a	a a a a a a	a a
b b b b	b b b	b b
c c c	c c c r c	c c c c c
d d d d d	d d d d	d d d d d
e e e e	e e e e e t	e e e e e
f f f f	f f f	f f f
g g g	g g g	g g g
h h h	h h h g h	h h h h
i i i	i i i	i i i i
k k k	k k k l k	k
l l l l	l l l l l e	l l l l l
m m	m m	m m
n n	n n	n n n
o o	o o o e	o e o o
p p p	p p p p p	p p p
q q q	q q q q q	q q q
r r r r r	r r r r r z	r r r r
s s s s	s s s s e s	s e s s s
t t t t	t t t t t	t t t t z
u u	u u u	u u
v v v	v v	v v v
x x x x	x x x	x x x x
y y y y	y y y y y	y y
z z	z z z	z z z z

Fonte: Muñoz y Rivero, 1889, p. 58.

5 ARQUEOLOGIA DO LIVRO

A arqueologia do livro (do original fr. archéologie du livre) é uma disciplina que se concentra no estudo detalhado e multidisciplinar dos livros como objetos físicos e culturais. Ela é uma abordagem que considera essas obras como artefatos históricos e culturais que espelham não apenas a sociedade, mas também aspectos como tecnologia, língua, religião e outras características distintivas de sua época e localização (Brossin, 2015, p. 1, tradução nossa). Ela busca entender a história, a evolução, a produção, a materialidade e o contexto social dos livros e suportes da escrita ao longo do tempo.

Diferente da codicologia, que trata apenas de livros manuscritos, a arqueologia do livro não se limita apenas a eles, e também pode ser aplicada a obras impressas e até mesmo a publicações contemporâneas.

É uma área de estudo interdisciplinar que combina elementos da história, da biblioteconomia, da antropologia, da linguística, da conservação de patrimônio e de outras áreas. Ela desempenha um papel fundamental na preservação de patrimônio cultural e no entendimento de como as ideias e o conhecimento são registrados e transmitidos ao longo do tempo. Além disso, a arqueologia do livro pode ser uma ferramenta valiosa para a autenticação de documentos históricos, para a identificação de edições raras e valiosas, e para a reconstrução de obras perdidas ou danificadas.

As áreas mencionadas anteriormente (Bibliologia, Bibliografia Material, Filologia, Codicologia e Paleografia) são áreas interconectadas com a arqueologia do livro por estarem relacionadas ao estudo de livros e manuscritos antigos. A categorização específica de hierarquia entre essas áreas pode variar dependendo do contexto acadêmico e das abordagens de pesquisa. Cada uma dessas disciplinas lida com aspectos específicos do estudo de livros e manuscritos e possui suas metodologias próprias para isso, além de poderem ser aplicadas em conjunto para compreender e interpretar de maneira mais completa os objetos escritos ao longo da história

Vale mencionar também que nem todos os materiais a serem estudados chegarão em bom estado de conservação, mas "quer tenham chegado até nós em boas condições ou na forma de fragmentos medindo alguns milímetros, todos os restos de livros antigos são candidatos potenciais." (Brossin, 2015, p. 3, tradução nossa)

5.1 Arqueologia do livro X arqueologia

Embora o termo "arqueologia do livro" compartilhe o termo "arqueologia", essa disciplina não faz parte da arqueologia no sentido tradicional da escavação de sítios arqueológicos. Enquanto a arqueologia tradicional se dedica à escavação de artefatos enterrados para reconstruir e compreender sociedades passadas, a arqueologia do livro se concentra na investigação detalhada e multidisciplinar dos livros. Sobre isso Brossin afirma:

“Tradicionalmente, esta disciplina [arqueologia] define-se pelo material que estuda, antigo e, portanto, muitas vezes em mau estado, mas que chegou até nós, pelos métodos de observação que utiliza, nomeadamente a escavação, e pelos seus intervenientes. Desta perspectiva, parece que a arqueologia dos livros antigos é uma quimera. Com efeito, como os vestígios desapareceram essencialmente, não podem dar origem a escavações e, mesmo quando existem, são tratados por outros especialistas.” (2015, p. 3, tradução nossa)

Brossin (2015, p. 1-2) destaca que a arqueologia do livro, ao que parece, tem sido predominantemente associada aos filólogos, com pouca presença por parte dos arqueólogos. Essa observação levanta a questão intrigante de por que os arqueólogos não se envolvem significativamente nesse campo de investigação. Um fator crítico que contribui para essa separação é a impossibilidade de adquirir o livro através de bibliotecas a serem escavadas, restauradas ou reconstruídas (Brossin, 2015, p. 3).

Ao longo dos séculos, inúmeros incidentes catastróficos impactaram bibliotecas, resultando na destruição irreparável de vestígios valiosos que poderiam ter sido escavados e estudados. Um exemplo emblemático são os diversos incêndios da Biblioteca de Alexandria, como ilustrado na Figura 9. Originado no porto de Alexandria, o primeiro incêndio alastrou-se pela cidade, resultando na perda devastadora de milhares de rolos de papiro de uma só vez (Covêllo e Alves, 2015, p. 36).

Figura 10 - Incêndio no porto de Alexandria



Fonte: Caos no sistema (apud Covêllo e Alves, 2015, p. 36).

Esse e outros eventos posteriores não apenas representaram uma tragédia para a preservação do conhecimento da época, mas também deixaram uma lacuna

irrecuperável no que poderia ter sido uma fonte inestimável para futuras investigações arqueológicas.

Dada a natureza frágil dos livros e documentos feitos a partir de papel ou pergaminho, a própria passagem do tempo já é prejudicial, tornando-se ainda mais devastadora quando combinada com desastres resultantes das ações humanas. Nesse contexto, apenas obras que foram cautelosamente zeladas ou que conseguiram se preservar longe das adversidades causadas por mãos humanas conseguiram superar os desafios temporais. Este fato destaca a importância crítica da preservação e conservação de bibliotecas, garantindo que a herança literária e cultural seja protegida para as gerações futuras.

5.2 Linha do tempo

A evolução da arqueologia do livro ao longo do tempo foi fundamental para a delimitação de seu escopo e o estabelecimento de métodos exploratórios. Cada fase desempenhou um papel crucial nesse processo, moldando a disciplina de maneira significativa. Antes mesmo dos períodos que serão explorados, é digno de nota o trabalho precursor de Gabriel Peignot, que, em 1834, publicou "Essai historique et archéologique sur la reliure des livres, et sur l'état de la librairie chez les anciens" (por. Ensaio histórico e arqueológico sobre encadernação de livros e sobre a situação da venda de livros entre os antigos). Nessa obra, Peignot apresentou um estudo pioneiro sobre encadernações, introduzindo termos relacionados ao campo.

5.1.1 Década de 1970

Testemunhamos a ascensão da arqueologia do livro na França na década de 1970. Inicialmente concebida como uma subdisciplina da codicologia voltada exclusivamente para a materialidade dos livros. Essa fase inicial limitava-se ao estudo de manuscritos, relegando os livros impressos a um segundo plano. O artigo "*Les miniatures du 'Pèlerinage de la vie humaine' de Bruxelles et l'archéologie du livre*" (por. "As miniaturas da 'Peregrinação da Vida Humana' em Bruxelas e a arqueologia do livro") de 1952 escrito por Léon-Marie-Joseph Delaissé é uma das primeiras obras antes dessa época a denominar e utilizar a metodologia da arqueologia do livro.

Albert Grujjs é outro estudioso que contribuiu para o entendimento da arqueologia do livro como uma disciplina independente, como destaque temos sua

obra chamada “Paléographie, codicologie et archéologie du livre, question de méthodologie et de terminologie” (por. Paleografia, codicologia e arqueologia do livro, questão de metodologia e terminologia).

5.1.2 Período de 1980 a 1990

Durante essa década, estudiosos exploram abordagens multidisciplinares na arqueologia do livro, expandindo o escopo para incluir tanto manuscritos quanto obras impressas, além de explorar não somente a materialidade dos livros, mas também sua relação com a sociedade, tecnologia, língua e outros aspectos culturais. A disciplina também ganha nesse período maior reconhecimento internacional, e estudiosos fora da França começam a contribuir para o campo.

Nesse período começam a surgir mais discussões sobre delimitação do campo em relação à codicologia. Albert Derolez publica seu artigo denominado “Codicologie ou archéologie du livre?: quelques observations sur la leçon inaugurale de M. Albert Grujjs a L'université Catholique de Nimègue” (por. Codicologia ou arqueologia do livro?: algumas observações sobre a palestra inaugural do Sr. Albert Grujjs na Universidade Católica de Nijmegen), que além de destacar que a notoriedade das escola francesa e alemã, nos apresenta uma definição mais precisa de arqueologia do livro, como um "exame material completo do livro e aos fatos de interpretação observados em relação ao conteúdo" (1973, p. 48, tradução nossa).

5.1.3 Período de 1990 a 2000

A arqueologia do livro se consolida como uma área de estudo independente da codicologia. Essa consolidação como disciplina formal ocorre gradualmente, à medida que profissionais de diversas áreas começam a delimitar as metodologias da arqueologia do livro. O período é marcado por um crescente reconhecimento e desenvolvimento da disciplina, além de um maior alcance dela em relação à outros estudiosos do livro.

Andrea Giovannini, um restaurador de livros e documentos medievais, publicou em 1990 seu artigo “Archéologie et restauration des livres et des documents médiévaux” (por. Arqueologia e restauro de livros e documentos medievais) em que comenta como aplica a metodologia da arqueologia do livro em seus trabalhos de restauração.

5.1.4 Século XXI

Avanços tecnológicos começam a desempenhar um papel significativo na arqueologia do livro, com a incorporação de métodos digitais para análise de textos e preservação de documentos. A disciplina continua a evoluir com enfoque nas transformações do suporte físico do livro ao longo do tempo. O interesse na preservação digital e na conservação de livros modernos também ganha destaque.

Além disso, foram incorporadas abordagens inovadoras, como a análise de DNA para rastrear a origem de pergaminhos de origem animal (SARIT, Anava et al., 2020) e a utilização de técnicas avançadas de imagem para a análise de pergaminhos e livros.

5.3 O objeto de estudo

Antes de adentrarmos no estudo da arqueologia do livro, é imperativo esclarecer uma distinção crucial relacionada ao seu objeto de investigação: restringe-se exclusivamente ao livro, excluindo outros suportes da escrita.

“Ao fazê-lo, a arqueologia do livro deixa de lado um número muito significativo de descobertas, constituídas por papiros ditos “documentais”, ou seja, textos pertencentes a arquivos, livros de contabilidade ou textos jurídicos ou epistolares.” (Brossin, 2015, p. 4, tradução nossa)

Apesar de implicar na exclusão de diversas descobertas, a delimitação da arqueologia do livro para se restringir exclusivamente aos livros como objeto de estudo possui méritos notáveis. Essa restrição ocorre por diversos motivos, e não apenas simplifica o escopo de investigação para o "arqueólogo do livro" como também oferece vantagens práticas.

Primeiramente, a distinção entre os objetos de estudo permite uma abordagem mais específica e aprofundada, uma vez que características mais homogêneas facilitam a aplicação de métodos de estudo mais precisos. Quanto mais distantes em características são os objetos de estudo, menos eficazes podem ser os métodos de análise, tornando-os necessariamente mais gerais e, conseqüentemente, menos especializados.

Ademais, concentrar-se exclusivamente nos livros encadernados, enquanto outros estudiosos lidam com papiros, tabuletas e outros suportes da escrita, não apenas aprimora a eficiência dos métodos de estudo, mas também reconhece a complexidade intrínseca de cada tipo de material. Essa abordagem distribuída permite uma análise mais aprofundada e especializada, ao mesmo tempo em que

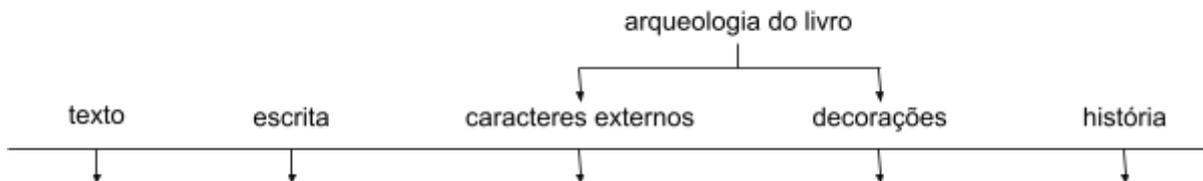
evita a sobrecarga do "arqueólogo do livro" com uma quantidade excessiva e heterogênea de materiais. Mesmo dentro do escopo restrito dos livros, a quantidade substancial de material a ser estudado destaca a riqueza e a diversidade do campo da arqueologia do livro.

Em linhas gerais, o "arqueólogo do livro" é descrito como aquele que, à semelhança do arqueólogo convencional, "se esforça para reconstruir o objeto monumental encontrado" e faz "o exame material do livro e a interpretação dos fatos observados, em relação ao conteúdo" (Grujjs, 1974, p. 22).

Collette Sirat apresenta um esquema (Figura 11) para ajudar na visualização da distinção entre a paleografia, a codicologia e a arqueologia do livro, através das totalidade do manuscrito:

"A linha horizontal designa um determinado manuscrito. É uma totalidade: texto, escrita, produção, história. Podemos considerar historicamente cada um dos personagens deste manuscrito; a escrita dele enquadra-se numa história de formas escriturais; seu método de fabricação, numa história das técnicas (composição dos cadernos, costura, pauta, etc.)" (apud Grujjs, 1974, p. 25, tradução nossa)

Figura 11 - Esquema da totalidade do manuscrito



Fonte: Adaptado de Sirat (apud Grujjs, 1974, p. 25)

Fica entendido então que o objeto de estudo da arqueologia do livro é a produção (caracteres externos, decorações e características físicas) do livro, seja ele manuscrito ou impresso.

5.4 Fundo/corpo de estudo

O início de um estudo arqueológico do livro demanda a constituição de um fundo, também conhecido como corpo ou conjunto de livros. O termo "fundo" é adotado da arquivologia, conforme definido pela Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística (Conselho Internacional de Arquivos, 2000, p. 15), como o "conjunto de documentos, independente de sua forma ou suporte, organicamente produzido e/ou acumulado e utilizado por um indivíduo, família ou entidade coletiva no decurso das suas atividades e funções".

Toda a arqueologia, e conseqüentemente a do livro, tende a se tornar uma ciência de conjuntos e grupos. A metodologia de estudo da arqueologia do livro esboça o livro como elemento de um todo (Grujjs, 1974, p. 22). Ouy entende como fundo “todos os livros ou documentos manuscritos de interesse para a história intelectual — entendida no sentido mais amplo — da comunidade, da família ou do indivíduo que os copiou, mandou copiar, recebeu em homenagem ou reuniu junto” (Grujjs, 1974, p. 22).

A arqueologia do livro propõe a "reconstrução ideal ou material dos fundos de manuscritos dispersos", concentrando-se não em manuscritos isolados, mas sim em conjuntos que compartilham uma origem ou história comum, explicando-se mutuamente (Grujjs, 1974, p. 22, tradução nossa). Nesse contexto, o fundo representa a reunião estruturada de livros que compartilham uma origem ou contexto comum.

Contudo, enfrenta-se um desafio significativo nesse processo, pois muitas obras com histórias interligadas encontram-se dispersas em bibliotecas e acervos ao redor do mundo. A dispersão dessas obras prejudica a junção de fundos mais amplos de obras, dificultando a completa compreensão e reconstrução de conjuntos que, quando unidos, podem proporcionar uma visão mais abrangente e profunda da história intelectual, cultural e social (Grujjs, 1974, p. 19).

Para realizar uma comparação razoável entre as obras que compõem um fundo, é imperativo que esse fundo seja selecionado com cuidado. Disparidades no conteúdo dos livros podem influenciar a maneira como são apresentados e prejudicar determinadas orientações da análise (Brossin, 2015, p. 4). A seleção criteriosa do fundo é essencial para garantir que os livros incluídos compartilhem características substanciais o suficiente para permitir comparações significativas. Embora a atenção à homogeneidade do conteúdo seja fundamental para a validade e confiabilidade das análises na arqueologia do livro, é necessário tomar cuidado para evitar uma restrição excessiva por parte do pesquisador, conforme destaca Brossin:

"De um modo geral, restringir o corpus a contingências excessivamente precisas é perigoso para a análise técnica, na medida em que corre o risco de fazê-la tomar caminhos demasiado marcados pelas nossas concepções, mas ineficazes para as épocas que nos propomos tratar." (Brossin, 2015, p. 4, tradução nossa)

Essa observação ressalta a importância de encontrar um equilíbrio adequado entre a especificidade do corpus selecionado e a necessidade de representar de

maneira abrangente as características e variações inerentes às obras estudadas. Essa abordagem equilibrada promove uma análise técnica mais eficaz e relevante para as épocas e contextos sob investigação na arqueologia do livro.

5.3 Intrusividade dos estudos

A "intrusividade dos estudos" refere-se ao grau de interferência ou impacto que as pesquisas ou análises podem ter no objeto de estudo. Na arqueologia, por exemplo, a intrusividade pode ser uma preocupação ao realizar escavações. Escavações mal executadas podem danificar ou destruir artefatos e estruturas arqueológicas, comprometendo a integridade do local. Portanto, os arqueólogos se esforçam para minimizar a intrusividade de suas intervenções, adotando métodos cuidadosos e precisos.

Na arqueologia do livro, a intrusividade pode se manifestar ao manusear documentos antigos ou frágeis. O toque frequente ou a exposição a condições inadequadas podem acelerar o desgaste e prejudicar a preservação dos materiais. Assim, os pesquisadores dessa área também buscam abordagens não intrusivas sempre que possível.

Andrea Giovannini (1990, p. 7), curador e restaurador suíço, destaca a singularidade do momento de restauro como uma oportunidade extraordinária para a observação de detalhes que, fora desse contexto, demandariam abordagens intrusivas no objeto. Muitos desses detalhes encontram-se ocultos e de difícil acesso, ressaltando a importância desse momento especial. É crucial salientar, portanto, a relevância da documentação iconográfica de todo o processo de tratamento realizado no documento.

A abordagem conservadora advogada por Giovannini ressalta a importância de evitar alterações ou intervenções desnecessárias no objeto em nome da preservação. Conforme destacado por Brossin (2015, p. 5, tradução nossa), a documentação de todo o processo ao qual o objeto é submetido emerge como uma ferramenta crucial. Isso se deve ao fato de que essa documentação não apenas fornece acesso posterior a informações relevantes, mas também serve como um registro inestimável para situações em que a manipulação adicional do objeto não é mais viável, seja por razões práticas ou éticas.

Ao registrar detalhadamente cada etapa do tratamento e restauro, a documentação assume um papel essencial na preservação do conhecimento

associado ao objeto. Este registro torna-se uma fonte indispensável para pesquisadores, historiadores e estudiosos interessados nas características originais do objeto e nas técnicas empregadas em seu restauro. Além disso, oferece uma salvaguarda contra a perda irreparável de informações valiosas, garantindo que a compreensão do objeto e de sua história seja preservada para futuras gerações.

Figura 12 - Yan Jingshu restaurando um livro antigo



Fonte: Centro de restauração de livros antigos da Biblioteca de Zhejiang em Hangzhou, 2018

Do ponto de vista do restaurador, a análise abrangente dos materiais que compõem o objeto é de suma importância. O uso de métodos tanto macroscópicos quanto microscópicos, juntamente com análises químicas não destrutivas, desempenha um papel crucial na escolha do método de tratamento mais adequado (Giovannini, 1990, p. 8). Além disso, toda e qualquer alteração realizada no objeto deve ser cuidadosamente documentada, preservando suas informações anteriores.

Por exemplo, se alguns cadernos foram costurados com linha diferente, é importante identificá-los, documentar os pontos utilizados e guardar as linhas separadamente; a partir dos fragmentos de fios mistos e sem as demais informações, será impossível entender qual parte do livro foi modificada e em que momento isso foi feito. (Giovannini, 1990, p. 9, tradução nossa)

Dessa forma, a documentação rigorosa não apenas atua como um registro preciso das intervenções realizadas no objeto, mas também preserva os vestígios

históricos e materiais associados a essas mudanças. Esses registros detalhados não apenas beneficiam o próprio processo de restauro, mas também contribuem significativamente para a pesquisa e a compreensão mais ampla da história, evolução e contexto do objeto ao longo do tempo.

O processo de observação e compreensão do objeto está intrinsecamente ligado às atividades de restauração, mas os resultados dessas análises não se restringem apenas ao momento do restauro; eles também têm utilidade para pesquisadores de diversas áreas interessados em desvendar a época, a localização geográfica e a história do objeto (Giovannini, 1990, p. 8).

5.3 Abordagem arqueológica do livro

É crucial analisar a natureza material do documento, seu estado de conservação e o tratamento de restauro aplicado, conforme salientado por Giovannini (1990, p. 10). Além disso, ele destaca a importância de "observar o mesmo objeto, mas de um ponto de vista diferente, para conhecer a natureza química dos vários componentes do livro ou documento e identificar os processos de alteração que os afetaram" (Giovannini, 1990, p. 11, tradução nossa).

Como Giovannini aponta, a restauração pode deixar cicatrizes no livro, comparando-a a uma operação cirúrgica na medicina humana. Assim como um paciente mantém vestígios e uma maior sensibilidade após uma intervenção cirúrgica para corrigir os efeitos graves de uma doença ou acidente, o mesmo ocorre com um livro ou documento medieval restaurado (Giovannini, 1990, p. 18).

O processo de restauração envolve certa delicadeza, e embora a intervenção possa ser necessária para preservar o objeto, é importante reconhecer e aceitar as marcas deixadas pelo processo. É necessária uma abordagem cuidadosa, limitada e equilibrada na restauração, considerando tanto a preservação do objeto quanto o respeito à sua história e autenticidade, garantindo sempre a proteção do bem. Sobre isso Giovannini afirma:

O restaurador deve estar consciente da ambiguidade da sua intervenção, que pode tornar-se um momento de investigação, mas que também pode empobrecer e transformar significativamente o objecto restaurado, ao destruir definitivamente algumas das suas características originais. (Giovannini, 1990, p. 18, tradução nossa)

A análise do livro começa pelo seu estado de conservação:

A parte relativa ao estado de conservação serve, por um lado, como um relatório sobre o estado do objecto antes do restauro, e por outro lado também pode fornecer informações interessantes sobre a história do

objecto: podemos, por exemplo, encontrar documentos com marcas de inundação ou incêndio. (Giovannini, 1990, p. 11, tradução nossa)

Giovannini ainda apresenta um esquema específico para essa abordagem arqueológica do livro:

1. OS MATERIAIS DA ESCRITA
 - 1.1. Pergaminho, papel
 - 1.2. Tintas e pigmentos
2. A PRODUÇÃO MATERIAL DO MANUSCRITO
 - 2.1. O caderno
 - 2.1.1. Formato
 - 2.1.2. Construção do caderno (dobras)
 - 2.1.3. Regra de Gregório
 - 2.1.4. Direção das fibras
 - 2.1.5. Descrição dos cadernos
 - 2.2. Disposição/Layout
 - 2.2.1. Justificativa e proporções
 - 2.2.2. Medidas
 - 2.2.3. Ajustes
 - 2.3. Diversos
 - 2.3.1. Assinaturas
 - 2.3.2. Reivindicações
 - 2.3.3. Folheação [ouro]
 - 2.3.4. Notas marginais
3. ENCADERNAÇÃO
 - 3.1. Costura
 - 3.1.1. Folhas de guarda
 - 3.1.2. Materiais de costura
 - 3.1.3. Técnicas de costura
 - 3.2. Cadernos
 - 3.2.1. Materiais
 - 3.2.2. Técnicas
 - 3.2.3. Decoração
 - 3.3. A capa
 - 3.3.1. Materiais
 - 3.3.2. Medidas e formatos, folgas
 - 3.3.3. Método de talas de nervos de cadernos
 - 3.4. A lombada
 - 3.4.1. Forma
 - 3.4.2. Colas, materiais e técnicas de reforço
 - 3.5. A sobrecapa
 - 3.5.1. Materiais
 - 3.5.2. Técnica, recorte, preenchimento
 - 3.5.3. Decoração
 - 3.6. Peças metálicas: cantos, cabochões, fechos

(Giovannini, 1990, p. 9-10, tradução nossa)

Observa-se que essa abordagem considera um estudo de tudo que é material do objeto, desde o papel, tinta e encadernação utilizado na sua confecção até as anotações e assinaturas que ele contém. Algumas destas observações requerem um olhar treinado e instrumentos apropriados, por exemplo:

algumas notas marginais ou dimensões antigas só aparecem graças ao exame em luz ultravioleta. A identificação do método de regulação requer uma observação cuidadosa com uma lupa binocular, para distinguir com certeza entre regulação a seco, grafite ou tinta (Giovannini, 1990, p. 11, tradução nossa)

Iniciando pela encadernação, ou nos fragmentos ainda preservados, a análise se concentra na natureza e estado de conservação dos materiais utilizados na costura, orlas, capas e na capa em si. Giovannini destaca que é comum encontrar capas confeccionadas a partir de couros de diversas espécies animais, processados por diferentes métodos de curtimento (Giovannini, 1990, p. 13-14).

Com certeza, tanto a produção do material manuscrito quanto sua encadernação são repletas de singularidades. Estudar as características específicas de cada época e sociedade torna-se uma tarefa fundamental para o profissional responsável pelo tratamento ou estudo desses objetos. Por hora, iremos nos submeter a explorar os materiais de escrita e suas particularidades.

5.3.1 Pergaminho, papel

Sobre os pergaminhos, Giovannini destaca que “a natureza e os processos de alteração do pergaminho são muito menos conhecidos do que os do papel. [...] É um material completamente diferente do papel, com o qual só têm em comum a utilização como suporte para escrita” (Giovannini, 1990, p. 12, tradução nossa).

O papel geralmente é feito a partir de fibras vegetais, como celulose, que são processadas, branqueadas e formadas em folhas ou rolos, e ele pode variar em textura, espessura e opacidade, dependendo do processo de fabricação e dos aditivos utilizados. Geralmente é mais suscetível ao envelhecimento, amarelamento e fragilidade ao longo do tempo, especialmente se não for tratado adequadamente.

Já o pergaminho é uma pele de animal, tradicionalmente de cabra, ovelha ou cordeiro. O processo de produção envolve a remoção de pelos, curtimento e polimento, resultando em uma superfície lisa e durável. O pergaminho possui uma superfície mais densa, suave e resistente em comparação com o papel. Tende a ser mais durável e resistente ao envelhecimento, mantendo sua integridade por períodos mais longos.

Uma distinção marcante entre esses dois materiais é o custo associado à sua produção. O papel, geralmente mais econômico, é fabricado de maneira relativamente eficiente. Por outro lado, o pergaminho, com seu processo de obtenção mais intrincado devido à utilização de peles animais, tende a ser mais dispendioso. Apesar de sua resistência superior em relação ao papel, a limitação na quantidade de produção é uma consideração importante a ser ponderada.

Na Figura 13, apresenta-se uma página do "Livro das aves", extraído do catálogo digital de coleções especiais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Embora a parte inferior das folhas esteja deteriorada ao longo de toda a obra, é notável que, considerando seus cerca de 700 anos de existência, a obra permanece em bom estado em algumas partes.

Figura 13 - Livro das aves [13--?]



Fonte: Biblioteca Digital de Coleções Especiais (BCE/UnB)

A qualidade do pergaminho, por si só, sugere sua utilização em contextos específicos, uma vez que seu custo elevado tornava-o acessível apenas a indivíduos ou instituições mais abastadas. No entanto, a análise do pergaminho, embora

limitada, vai além desse aspecto econômico e concentra-se na “estrutura e orientação das fibras, no estado de resistência física e nos processos de alteração que o afetaram” (Giovannini, 1990, p. 12, tradução nossa) como pode ser observado também na Figura 7.

Da mesma forma que ocorre com os pergaminhos, os papéis apresentam uma variedade de tipos e qualidades, o que torna desafiadora uma comparação equitativa entre esses dois materiais. Na Figura 14, examinamos um livro datado de aproximadamente 1823. Apesar de sua preservação integral, é saliente destacar que este exemplar, mantido na Câmara dos Deputados, exibe uma tonalidade amarelada no papel, sugerindo possivelmente um elevado nível de acidez.

Figura 14 - Texto original da “Constituição da Mandioca” de 1823



Fonte: Ranier Bragon/Folhapress

A presença de acidez no papel pode acarretar diversos problemas ao longo do tempo, impactando a integridade e a preservação do material. Além do amarelamento das páginas, a acidez pode resultar em fragilidade, tornando o papel mais suscetível a rupturas; degradação da tinta, levando à perda de detalhes e à deterioração da legibilidade ao longo do tempo; formação de manchas; e aceleração do processo natural de envelhecimento do papel.

O exame do papel centra-se no:

seu estado de conservação física, na sua resistência atual, no estado da sua superfície, no seu nível de acidez e na presença de lignina e alúmen para papéis posteriores. O nível de acidez do papel é uma medida indireta do estado dos processos de alteração e de sua resistência a esses processos destrutivos. (Giovannini, 1990, p. 12, tradução nossa)

Cabe ressaltar que o notável estado de preservação do papel, apesar da possível acidez, é, em parte, creditado à diligência e atenção dedicadas pela Biblioteca da Câmara dos Deputados à conservação do acervo. O zelo institucional contribui para mitigar o impacto do envelhecimento e da acidez, assegurando a integridade do material ao longo do tempo.

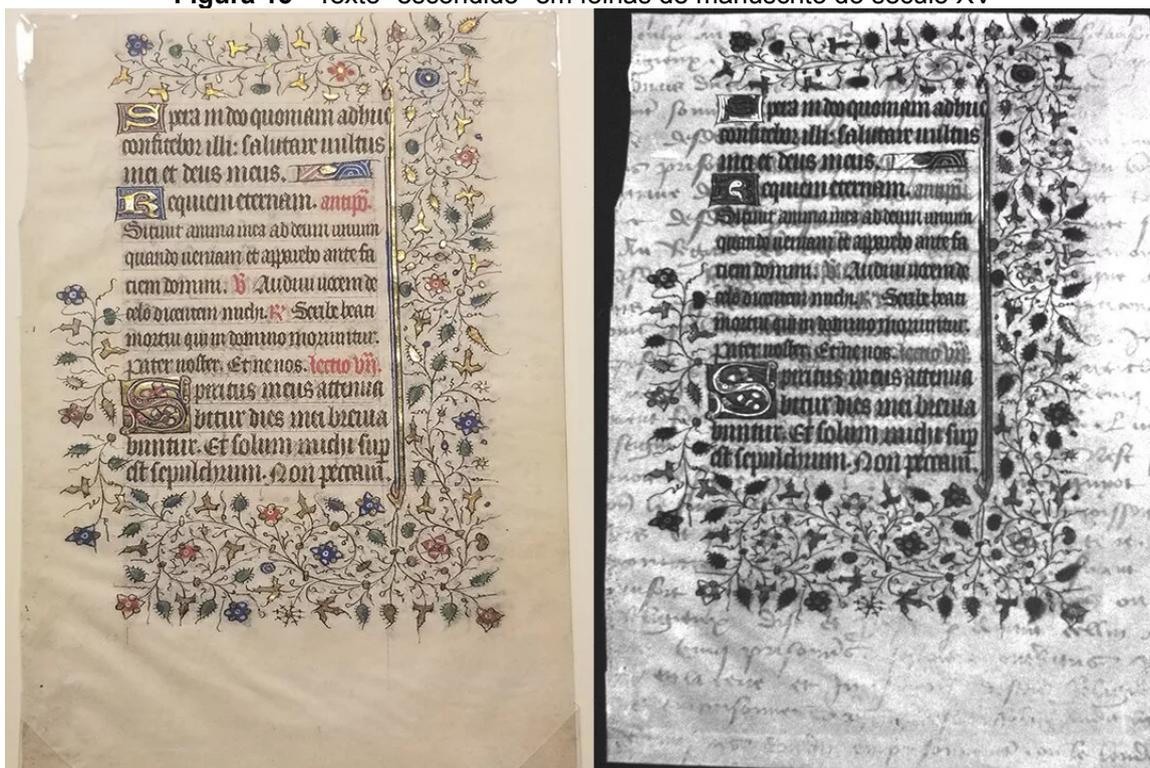
5.3.1 Tintas e pigmentos

A digitalização e a análise computacional de documentos históricos, impulsionadas pelas tecnologias informáticas contemporâneas, desempenham um papel significativo na revelação de nuances anteriormente inacessíveis. Varry (2014, p. 114-115) destaca que tais avanços proporcionam novas perspectivas para a pesquisa, permitindo uma análise mais profunda e abrangente de materiais antigos. Essa abordagem não apenas preserva a integridade física dos documentos, mas também amplia as possibilidades de descobertas, desvelando detalhes ocultos que escapariam aos métodos tradicionais.

Devido ao custo elevado do pergaminho, era comum que as pessoas recorressem à prática de raspar as tintas superficiais de pergaminhos antigos para reutilizá-los, dando origem aos chamados palimpsestos. Essa técnica, embora econômica, resultava na sobreposição de diferentes camadas de escrita ao longo do tempo, proporcionando uma rica fonte de informações para estudiosos contemporâneos que buscam decifrar e reconstruir os textos originalmente registrados.

Nesse contexto, Giovannini ressalta que certas informações podem permanecer ocultas até serem submetidas à luz ultravioleta. Um exemplo elucidativo é apresentado na Figura 15, onde um estudo conduzido por estudantes do Instituto de Tecnologia Rochester revelou uma camada de escrita francesa subjacente ao texto aparente.

Figura 15 - Texto “escondido” em folhas de manuscrito do século XV



Fonte: Instituto de Tecnologia Rochester (RIT)

A identificação das tintas utilizadas, no entanto, ainda apresenta desafios significativos:

As tintas e os pigmentos utilizados para escrever e decorar os manuscritos também constituem um capítulo muito complexo para a análise científica do livro. [...] Uma dificuldade significativa neste trabalho deve-se às matérias-primas utilizadas na Idade Média para produzir estas cores: estes materiais contêm na maioria das vezes uma proporção significativa de impurezas, que modificam as suas reações; Além disso, um pigmento ou corante não pode ser reduzido ao seu componente principal para estudar o seu comportamento e reações, com vista a encontrar tratamentos restauradores adequados. (Giovannini, 1990, p. 12-13, tradução nossa)

As alterações químicas em manuscritos ocorrem devido às reações entre os pigmentos, ligantes, elementos externos (como poluentes atmosféricos) e o suporte de escrita (sendo notáveis as alterações no pergaminho devido a pigmentos contendo metais). Por outro lado, as alterações físicas são resultantes do manuseio e das variações climáticas. Essa dualidade de influências destaca a complexidade envolvida na preservação de documentos históricos, exigindo abordagens distintas para a conservação de sua composição química e integridade física (Giovannini, 1990, p. 13).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a condução da pesquisa constatou-se uma dificuldade para acessar determinados trabalhos acadêmicos, muitos dos quais estavam sob restrição de acesso, alguns por universidades, especialmente teses e dissertações, outros estavam disponíveis apenas em plataformas estrangeiras pagas, o que implicaria um investimento financeiro considerável.

Considerando o exposto sobre a arqueologia do livro, a preservação de manuscritos e as nuances associadas aos materiais de escrita, algumas considerações finais podem ser abordadas:

Importância da abordagem multidisciplinar: a arqueologia do livro, ao integrar disciplinas como química, física e história, destaca-se como uma abordagem multidisciplinar essencial para desvendar a complexidade dos documentos históricos. A compreensão detalhada dos materiais utilizados, das condições ambientais e das práticas de preservação enriquece nossa visão sobre a evolução da escrita ao longo do tempo.

Desafios na identificação de materiais e técnicas: a identificação precisa de materiais, tintas e técnicas de produção enfrenta desafios consideráveis, especialmente em virtude das características específicas dos artefatos históricos. O trabalho de restauradores e pesquisadores é fundamental para superar essas complexidades e garantir a preservação adequada.

Relevância das novas tecnologias: as novas tecnologias, como a análise por luz ultravioleta mencionada anteriormente, desempenham um papel crucial na revelação de informações anteriormente ocultas. Essas ferramentas contemporâneas oferecem perspectivas inovadoras, ampliando nossas possibilidades de pesquisa e descoberta.

Desafios contínuos na preservação: a preservação de manuscritos enfrenta desafios contínuos, especialmente diante das alterações químicas e físicas ao longo do tempo. Estratégias eficazes de conservação e restauração são essenciais para garantir que esses documentos valiosos sejam transmitidos às gerações futuras.

Valor cultural e histórico: cada manuscrito é uma janela única para o passado, refletindo não apenas a informação escrita, mas também aspectos culturais, sociais e tecnológicos de sua época. O cuidado dedicado à preservação desses artefatos é,

portanto, um investimento na manutenção da herança cultural e histórica da humanidade.

Ao considerar esses pontos, concluímos que a arqueologia do livro não apenas desvenda os segredos dos manuscritos, mas também destaca a importância de preservar e valorizar esses tesouros históricos para as gerações presentes e futuras. Além disso, a pesquisa reforça a necessidade de se firmar a tradição de estudos descritivos e analíticos no campo do estudo do livro.

No desenvolver dessa pesquisa foram notadas algumas áreas que podem gerar pesquisas interessantes. Uma sugestão promissora seria a análise do impacto das restrições de acesso na diversidade de fontes e referências empregadas em trabalhos acadêmicos, com foco em compreender se tais limitações comprometem a viabilidade e a visibilidade desses estudos.

Com base no tema de arqueologia do livro, uma sugestão interessante de continuação para futuras pesquisas seria explorar a aplicação de tecnologias emergentes, como inteligência artificial e aprendizado de máquina, na análise e preservação de manuscritos e documentos antigos. Esta abordagem inovadora poderia examinar como essas tecnologias avançadas podem auxiliar na decifração de textos antigos, na identificação de materiais degradados e na proposição de métodos mais eficazes de conservação. Além disso, seria relevante investigar como a integração dessas tecnologias pode acelerar e aprimorar o processo de pesquisa nos estudos de materialidade do livro, proporcionando novas perspectivas e descobertas.

REFERÊNCIAS

A BRIEF History of the Library of Congress: the buildings, the Library of Congress in the Capitol, 1800-1897. **Library of Congress**, Washington, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://www.loc.gov/loc/legacy/bldgs.html>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ACKEL, Antonio; MADEIRA, Maria de Fátima Nunes. Os caminhos da codicologia. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/14359>. Acesso em: 10 out. 2023.

AUBURN, Luke. RIT students discover hidden 15th-century text on medieval manuscripts Imaging system they built as freshmen reveals new information about Otto Ege Collection. **Rochester Institute of Technology**, Rochester, 18 nov. 2020. Disponível em: <https://www.rit.edu/news/rit-students-discover-hidden-15th-century-text-medieval-manuscripts>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BENEVENT, Christine. L'apparition du livre: archeologie d'un livre imprime. *In*: DESARBRES, Paul-Victor et al. (dir.). **Bouquet XXI: Le monde de l'imprimé**. [S. l.]: Cornucopia, 2021.

BROSSIN, Laure. **Pour une archéologie du livre antique**: essai de bibliologie à l'épreuve du cas de l'Illiade. 2015. Tese (História da arte e arqueologia) - École doctorale Histoire de l'art et archéologie, Paris, 2015. Disponível em: <https://www.theses.fr/en/2015PA040131>. Acesso em: 30 set. 2023.

CARVALHO, Rosa Borges Santos. A filologia e seu objeto: diferentes perspectivas de estudo. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 26, p. 44-50, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/26.html>. Acesso em: 03 nov. 2023.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística: adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. Disponível em: https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/isad_g_2001.pdf. Acesso em: 18 nov. 2023.

COVÊLLO, Diana Wolney Araújo; ALVES, Maria Eduarda Tavora Lima. **A evolução das bibliotecas no Ocidente**: do manuscrito ao digital. 2015. 80 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/11209>. Acesso em: 14 out. 2023.

DELAISSÉ, Léon-Marie-Joseph. **Les miniatures du "Pèlerinage de la vie humaine" de Bruxelles et l'archéologie du livre**. *Scriptorium*, [s. l.], t. 10, n. 2, p. 233-250, 1956. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/scrip_0036-9772_1956_num_10_2_2706. Acesso em: 10 out. 2023.

DEROLEZ, Albert. Codicologie ou archéologie du livre?: quelques observations sur la leçon inaugurale de M. Albert Grujts a L'université Catholique de Nimègue. **Scriptorium**, v. 27, n. 1, p. 47-49, 1973. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/scrip_0036-9772_1973_num_27_1_1008. Acesso em: 10 out. 2023.

ESTIVALS, Robert. Paul Otlet dans l'histoire de la bibliologie. **Cahiers de la documentation - Bladen voor documentatie**, v. 66, n. 2, p. 67-70, 2012. Disponível em: <https://www.abd-bvd.be/fr/cahiers-de-la-documentation/2012-2/>. Acesso em: 12 out. 2023.

GARCÍA, Elisa Ruiz. **Introducción a la codicología**. 2. ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.

GASKELL, Philip. **A new introduction to bibliography**. New Castle: Oak Knoll Press, 1995. Disponível em: <https://openlibrary.org/books/OL24826696M/>. Acesso em: 02 out. 2023

GIOVANNINI, Andrea. Archéologie et restauration des livres et des documents médiévaux. **Gazette du livre médiéval**, [s. l.], n. 17, p. 7-19, 1990. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/galim_0753-5015_1990_num_17_1_1140. Acesso em: 13 out. 2023.

GRACIA, Manuel José Pedraza. Bibliología (ciencia del libro) y ciencias de la documentación. **Scire: representación y organización del conocimiento**, v. 11, n. 1, p. 27-46, 2005. Disponível em: <https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/1506>. Acesso em: 11 out. 2023.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. São Paulo: Hucitec, 1983.

GRUIJS, Albert. Paléographie, codicologie et archéologie du livre, question de méthodologie et de terminologie. In: COLLOQUES INTERNATIONAUX DU CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE, n. 547, 1972, Paris. **La paléographie hébraïque médiévale**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1974. p. 19-25. Disponível em: https://www.numilog.com/LIVRES/ISBN/9782222016311.Livre?utm_source=PDF-excerpt. Acesso em: 21 out. 2023.

GRUIJS, Albert. Codicology or the Archaeology of the book? A false dilemma. **Quaerendo**, v. 2, n. 2, p. 87-108, 1972. Disponível em: https://brill.com/view/journals/qua/2/2/article-p87_2.xml?language=en&ebody=article%20details. Acesso em: 12 out. 2023.

INSTITUT DE RECHERCHE ET D'HISTOIRE DES TEXTES (IRHT). Glossaires Codicologiques. **Codicologia**, c2011. Disponível em: <https://codicologia.irht.cnrs.fr/>. Acesso em: 11 out. 2023.

MORESI, Eduardo (org.). **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

MUÑOZ Y RIVERO, Jesús. **Manual de paleografía diplomática española de los siglos XII al XVII: método teórico-práctico para aprender á leer los documentos españoles de los siglos XII al VII**. Madrid: Viúva de Hernando e Companhia, 1889. Disponível em: <https://archive.org/details/manualdepaleogr00rivegoog/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PEIGNOT, Gabriel. **Essai historique et archéologique sur la reliure des livres, et sur l'état de la librairie chez les anciens**. Dijon: Victor Lagier, 1834. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=aZ9fAAAACAAJ&rdid=book-aZ9fAAAACAAJ&rdot=1>. Acesso em: 12 out. 2023.

SANTOS, Ana Luiza de Oliveira. **Avaliação do potencial de uso e caracterização tecnológica das fibras de *Saccharum spp.* para produção de celulose e papel**. 2014. 39 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Florestal) —

Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em:
<https://bdm.unb.br/handle/10483/10097>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SARIT, Anava *et al.* *Illuminating Genetic Mysteries of the Dead Sea Scrolls*. **Cell**, [s. l.] v. 181, n. 6, p. 1218-1231, 2020

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p.64-83. 2021. Disponível em:
<https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/download/2336/1441>. Acesso em: 22 jan. 2022.

VARRY, Dominique. La bibliographie matérielle: renaissance d'une discipline. *In*: VARRY, Dominique (dir.). **50 ans d'histoire du livre: 1958-2008**. Villeurbanne: Presses de l'enssib, 2014. p. 108-121. Disponível em: <https://books.openedition.org/pressesenssib/2483>. Acesso em: 13 out. 2023.

WAKELIN, Daniel. Paleography. **The Encyclopedia of Medieval Literature in Britain**, 2017. Disponível em:
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/9781118396957.wbemlb578>.